

~~12/6/23~~

V361  
V374

V47

V39

V21

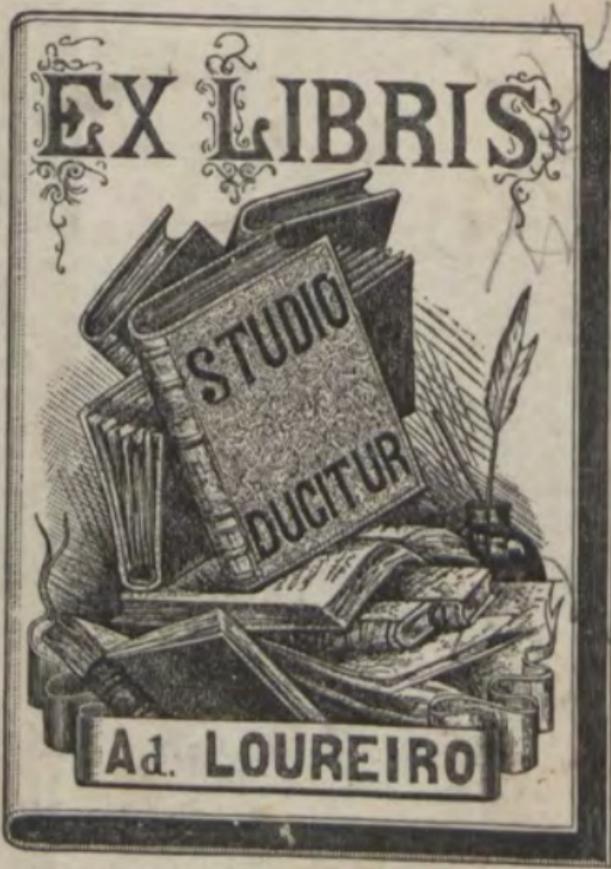
V30

V42

V321

V363

3/2/2



Red ink smudges or markings at the bottom of the bookplate.

Índice dos fchetos que compoem este volume

- N.º 1: Chaga (Pink<sup>o</sup>): obliqua Recircular — 300
- N.º 2: Proclamação do Rey dos Franczes em occasão da entrada de celidã — 60
- N.º 3: A. S. L. 3 Vida do Vice almirante Nelson — 50
- N.º 4: Filha (Dona Francisca ellay <sup>1</sup>Elancina Rib<sup>o</sup>): Turca de Russia e destruição de conventos franczes — 400
- N.º 5: Carta do Conde de Las Casas dirigida ao principe Luciano Bonaparte — 100
- N.º 6: allemães do 1.º acco military o general permit, obsequio d'Alvante — 120
- N.º 7: Obraes juvenis de Palafox — 200
- N.º 8: <sup>et. P.</sup> Napoleão da continuação dos discursos sobre restaur. de Portugal — 120
- N.º 9: O Pistarola - Almanach. Napoleão N.º 14: 40

1.390

**BIBLIOTÉCA DO EXERCITO**  
(Antiga Bibliotheca de E. M. E.)

N.º

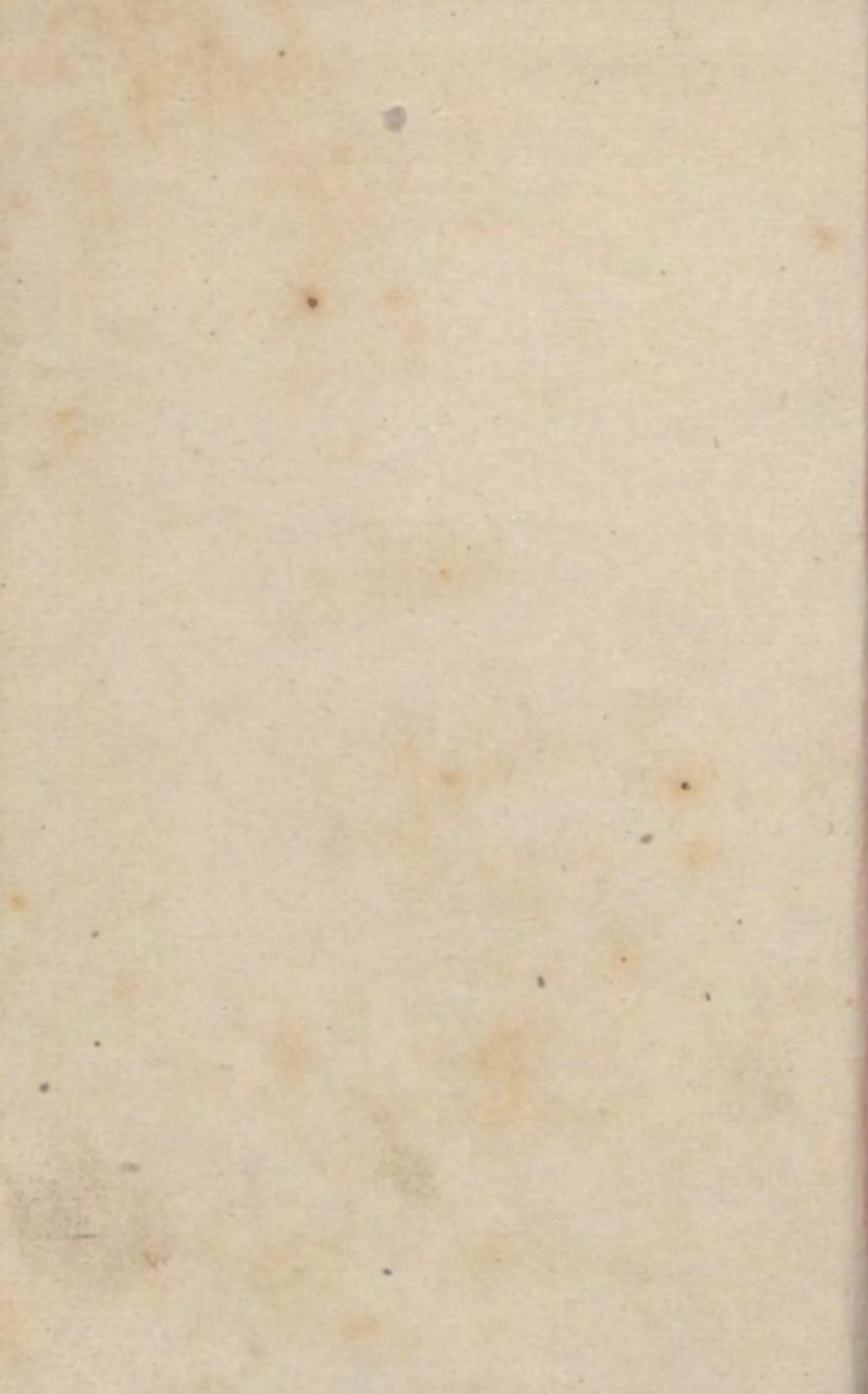
19.876

Custo

Aumentado em

Livros N.º

Pag.



crº 1

# EDUCAÇÃO POPULAR

DIRECTOR LITTERARIO - M. PINHEIRO CHAGAS



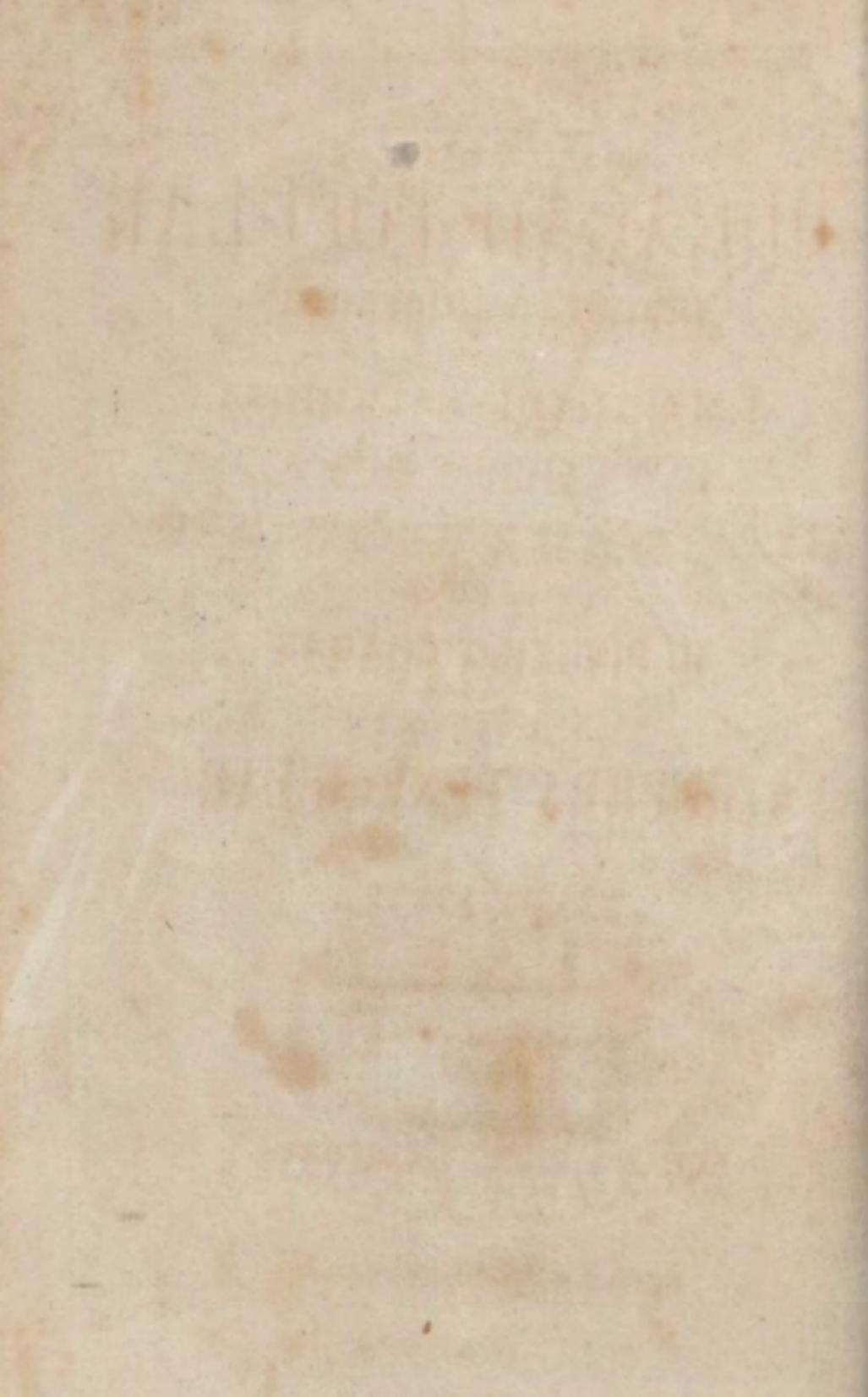
## A GUERRA PENINSULAR Nº 1



### LUCAS & F.

LISBOA  
LUCAS & FILHO EDITORES  
RUA DOS CALAFATES, 93

1874



Publicação da empresa «Bibliotheca Universal»

DE LUCAS & FILHO

# EDUCAÇÃO POPULAR

ENCYCLOPEDIA INSTRUCTIVA E AMENA

DEDICADA

À MOCIDADE ESTUDIOSA

DE PORTUGAL E BRAZIL

COM A COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES HOMENS DE LETRAS

Director litterario

**M. PINHEIRO CHAGAS**

N.º 1 — 1.ª série

## A GUERRA PENINSULAR



LISBOA

LUCAS & FILHO — EDITORES

Rua dos Calafates, 93

1874



*Alcides*

Publicação da empresa - Typ. Sousa & Filho  
DE LUCAS & FILHO

# EDUCAÇÃO POPULAR

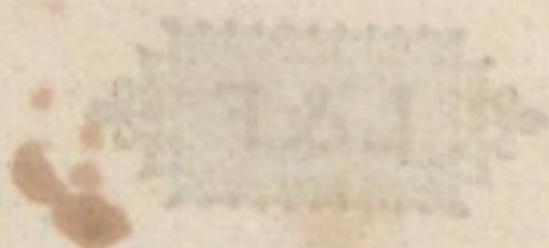
EMITIDA POR ESTABELECIMENTO

A SOCIEDADE ESTADUAL

DE PORTUGAL E BRASILEIRO

A propriedade d'este livro em Portugal pertence a  
Lucas & Filho, e no Brazil ao ill.<sup>mo</sup> sr. José Marques  
Pinheiro, residente no Maranhão.

# A GUERRA POPULAR



LISBOA  
LUCAS & FILHO - EDITORES  
RUA DO NORTE, 12

## Á MOCIDADE ESTUDIOSA

DE

# PORTUGAL E BRAZIL

---

É a vós, que empunhaes o estandarte do progresso, a vós, esperança do futuro, ardentes campeões da democracia, entusiasticos propagadores das generosas idéas que dedicamos esta publicação. Sois avidos de luz, e nós queremos dissipar as trévas; sois obreiros da civilisação, e nós queremos civilisar as massas; sois advogados da instrucção do povo, e nós entre o povo queremos derramar com prodigas mãos os thesouros do saber.

Sabeis que o povo, tendo hoje o poder e a ignorancia, ou praticará os desatinos ignobeis que deshonram a democracia, ou entregará elle mesmo os seus pulsos ás algemas dos tyrannos. Instruil-o é o primeiro dever de todos os que o amamos e defen-

demos; sem a instrucção é uma mentira a liberdade, é um perigo a democracia, é um desvairamento o progresso. Nós queremos dar aos desnorteados a bussola, queremos combater com a luz serena da sciencia as trévas da reacção e a labareda revolucionaria, queremos dar ao povo a um tempo o sentimento da dignidade humana e a comprehensão da liberdade.

É digna da vossa protecção esta levantada empresa; a vós a dedicamos, a vós que tendes a fé, o enthusiasmo, o ardor do sacrificio, a vós, a escolhida phalange dos campeões da Idéa, a vós os defensores do Direito, a vós que sabeis amar, a vós que sabeis morrer!

# A GUERRA PENINSULAR

---

## I

Portugal e a revolução franceza — Politica reaccionaria do governo de D. Maria — A campanha do Roussillon — Desdem com que nos tratam a Hespanha e a Inglaterra — Humilhantes negociações com a França — A esquadra do marquez de Niza — A campanha de 1801 — A embaixada de Lannes — A neutralidade portugueza — O bloqueio continental — Exigencias iniquas de Napoleão — Duplicidade e fraqueza do nosso governo — O tratado de Fontainebleau — Fuga da familia real para o Brazil.

Pretendendo traçar um resumido quadro das campanhas, tão gloriosas para as armas portuguezas, que são conhecidas no seu conjuncto pelo nome de « guerra peninsular », é forçoso que digâmos brevemente quaes foram as remotas origens da luta, que nos vimos obrigados a travar com a França.

É vergonhosa essa historia para o nosso governo; põe bem em relevo a inepecia dos ministros de D. Maria I e do principe regente D. João, a fraqueza d'este ultimo, a vergonhosa subserviencia do gabinete portuguez, que em bem pouco tempo olvidara as energicas tradições do marquez de Pombal; mas felizmente com esse tristissimo quadro contrastam de um modo notavel a intrepidez e o heroico patriotismo de um povo, que, entregue a si

mesmo, abandonado pelos seus chefes naturaes, não hesitou em affrontar os soldados de Napoleão com as armas do desespero, e que, depois de dar provas de um valor sobrehumano na insurreição desordenada, mostrou nas fileiras d'esse exercito, que brotou com maravilhosa espontaneidade do solo da patria, uma disciplina admiravel, que o fez rivalisar com o solido exercito britannico, e o enramou com os loiros de cem victorias nos campos de batalha da Peninsula e da França meridional.

A revolução franceza, que vinha demolir o velho mundo dos privilegios e lançar as bazes da sociedade moderna, excitou, logo desde o começo, o odio das côrtes europeas. Nenhuma porém se mostrou talvez tão adversa aos principios proclamados em França como a côrte portugueza, que estava sendo então o asylo do fanatismo e da ignorancia.

A philosophia do seculo XVIII não deixara de influir mais ou menos directamente na politica dos gabinetes monarchicos da Europa. Frederico II da Prussia, José II da Austria, Carlos III da Hespanha e o proprio Luiz XVI da França tinham tomado a iniciativa de reformas importantes. A revolução tem de reconhecer como seus precursores não só os encyclopedistas, mas tambem esses monarchas e ministros illustrados, que, sem attenuar o despotismo do velho regimen, tinham percebido a necessidade das reformas sociaes. Nenhum país fôra tão longe n'esse caminho como Portugal. A energia de Sebastião de Carvalho impellira-o por um caminho que bem se póde dizer revolucionario.

embora o impulso partisse das altas regiões governativas, e fosse dado pelo braço de ferro do homem que a posteridade designou pelo cognome de « grande marquez ». Mas o reinado de D. Maria I inaugurou uma reacção violentissima contra o systema do marquez de Pombal, e o nosso paiz estava nas mãos de ministros obscurantissimos, inimigos de toda a especie de reformas, cégos defensores do passado, fanaticos e ineptos, quando rebentou na França a terrivel explosão de 1789.

Manifestando-se hostile a esse movimento, ainda muito antes de elle tomar um character anti-monarchico, o governo portuguez mostrou-se n'essa occasião o mais reaccionario de toda a Europa, e a rainha D. Maria I foi a ultima a responder, e assim mesmo com grande frieza, á carta em que Luiz XVI participava aos seus collegas na realeza a constituição que aceitara, e que ia reger a França. Quando porém os acontecimentos, precipitando-se, desmoronaram o throno de S. Luiz, Portugal distinguuiu-se pelo calor com que propunha ao rei de Hespanha, ao rei de Inglaterra o intervirem nos negocios internos de França, e primeiro restabelecerem Luiz XVI no poder absoluto, depois vingarem a sua morte. Era inclusivamente ridicula essa obstinação, e os governos de Hespanha e de Inglaterra repelliam com insultuoso desdem as propostas d'este pequeno paiz, que, devendo aspirar só a manter a sua neutralidade no meio das procellas que se iam desencadeiar sobre a Europa, não aspirava pelo contrario senão a preceder todas as ou-

tras nações na senda reaccionaria, e não se cansava de prégar a cruzada da realeza contra a França republicana. Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que foi, por nossa desgraça, nosso ministro dos negocios estrangeiros durante toda essa calamitosa epoca, devorou humilhações sem conta, desdenhosas repul-sas dos gabinetes de Madrid e de Londres, e deu-se por bem pago de tudo isso quando os governos hespanhol e britannico, tendo resolvido fazer a guerra á França, se dignaram acceitar o auxilio da nossa esquadra e do nosso exercito.

Pondo de parte agora todos os nossos justos resentimentos patrioticos, devemos confessar que a iniquidade do procedimento que Napoleão teve conosco se attenúa bastante aos olhos da historia, quando se pensa no tratado que fizemos em 1793 com a Hespanha e com a Inglaterra, tratado em virtude do qual mandamos uma divisão das nossas tropas invadir a provincia franceza do Roussillon, e uma divisão da nossa esquadra auxiliar a armada ingleza no seu bloqueio das costas francezas. Que motivo tinhamos nós para guerrear a França? Que nos importava que esse paiz se constituisse em republica? Que tinhamos nós com as decisões da convenção, que enviava ao cadafalso o desgraçado Luiz XVI? O que é que nos autorisava a irmos tambem juntar o nosso contingente aos exercitos da Europa, que invadiam o territorio francez, e provocavam da parte dos invadidos esse movimento sublime de patriotismo que fez brotar do solo profanado vinte exercitos victoriosos? Fomos tambem

victimas depois de uma aggressão brutal! Sem motivo tambem attentaram os francezes contra a nossa independencia; tambem os repellimos com energia; mas, para sermos justos, devemos lembrar-nos que 1807 era a expiação de 1793, e que os soldados portuguezes, que fizeram a campanha do Roussillon, eram tão criminosos como os soldados de Junot!

Essa inepcia, essa iniquidade do nosso governo teve logo o merecido castigo. A campanha do Roussillon, começada com bons auspicios, terminou de um modo desastroso para o exercito hispano-portuguez. Os generaes da juvenil republica repelliram e destroçaram as tropas invasoras, e obrigaram a Hespanha a pedir misericordia. Mas tal era o desprezo que tinha por nós o gabinete hespanhol, que, depois de ter aproveitado o auxilio das nossas tropas, abandonou-nos completamente na conclusão da paz, occultou-nos as negociações, e não estipulou uma clausula unica a nosso favor! Por outro lado a Inglaterra, que tambem se servira dos nossos navios, não quiz de modo algum proteger as costas maritimas de Portugal e das nossas colonias, nem o nosso commercio, contra os insultos dos corsarios francezes, e aqui ficamos nós abandonados abertamente pela Hespanha e tacitamente pela Inglaterra, vendo os nossos navios mercantes apre-zados pelos corsarios de Dieppe e de Saint-Malo, e recompensados assim do zelo estulto que mostramos por uma causa que nos devia ser indifferente, e dos sacrificios que por ella fizemos!

Tratamos então, mas já tarde, de nos reconciliar

com a França. Justamente offendida, e ufana com os seus triumphos, a republica impunha-nos condições onerosas com tanto maior arrogancia quanto podia contar agora com a alliança da Hespanha, cujo rei Carlos IV, olvidando a decapitação de Luiz XVI que o movera a lançar-se na luta, parecia muito disposto a partilhar com a França os nossos despojos! Este procedimento do governo hespanhol é realmente admiravel! Aproveita o nosso auxilio n'uma guerra, que em nada nos interessa, e a recompensa, que nos dá, é não só abandonar-nos, mas ainda por cima ligar-se com o inimigo commum para nos opprimir e despojar! Este cynismo só se póde comparar com a loucura do nosso governo!

Devemos dizer comtudo que a Inglaterra não se mostrava inferior á Hespanha na sem-ceremonia com que nos tratava. Lutavamos havia uns poucos de annos diplomaticamente em Paris para obtermos uma paz que não fosse summamente desvantajosa; conseguira emfim Antonio de Araujo, nosso embaixador, do Directorio um tratado rasoavel. Por exigencias da Inglaterra, recusou o governo portuguez ratifical-o. Nem por isso nos prestou o gabinete de Londres auxilio mais importante! Mandou para aqui, é certo, um exercito de occupação, mas, em vez de garantir com elle o territorio portuguez, empregou-o em ir conquistar á Hespanha a ilha de Minorca, causando-nos assim serias difficuldades, porque o gabinete hespanhol, d'essa vez com razão, queixava-se de que os nossos portos servissem aos inglezes, para fazerem sair

d'aqui, mais facilmente do que da Grã-Bretanha, as tropas destinadas a expedições contra um paiz, que estava comnosco em paz. Apezar d'isso tal era a subserviencia inepta do'nosso governo, que, ao passo que a nossa marinha mercante continuava a ser victima dos corsarios francezes, ia uma esquadra portugueza, commandada pelo marquez de Niza, juntar-se á armada de Nelson, bloqueiar Malta, onde Bonaparte, passando para o Egipto, deixara uma guarnição franceza, operar contra a republica fundada por Championnet em Napoles, tomar em-fim parte activissima nas operações navaes da armada ingleza do Mediterraneo! Póde-se imaginar como estes factos concorriam para favorecer as negociações supplicantes dos nossos diplomatas em Paris!

A nossa estulta fidelidade á Inglaterra, que em nada protegia os nossos interesses, deu os resultados que se deviam esperar. Apenas Bonaparte assumiu, na qualidade de primeiro consul, o poder supremo em França, apenas se livrou com a campanha victoriosa de Marengo das mais graves difficuldades continentaes, tratou, de accordó com a Hespanha, de nos obrigar a abandonarmos a aliança da Inglaterra, impondo-nos ao mesmo tempo humilhantes condições. Fomos forçados então a travar a luta com a Hespanha e a França! nós, que deviamos os embaraços em que estavamos ao zelo que mostramos pela causa dos Bourbons, que era a da familia real hespanhola, e á abnegação absurda com que seguimos a Hespanha na sua cruzada

anti-republicana! Não era esse o unico desengano que nos estava reservado. Por seguirmos desinteressadamente a Hespanha e a Grã-Bretanha é que estavamos envoltos em tantas difficuldades. A Hespanha declarava-nos guerra! a Grã-Bretanha abandonava-nos completamente! e, emquanto nos abandonava na Europa, onde o nosso territorio ia ser invadido pelos hespanhoes, allegando que não podia dispensar um só regimento para nos vir socorrer, as suas tropas, na India, apoderavam-se arbitrariamente de Goa, a pretexto de a defender contra os francezes, como se as esquadras republicanas, bloqueiadas nos seus portos pela incontestavel superioridade da marinha ingleza, derrotadas formidavelmente, sempre que ousavam sair ao mar, pelos Nelson e pelos Jervis, podessem conceber sequer a idéa de emprehender uma expedição tão longiqua e tão pouco proveitosa como seria a tomada da India portugueza!

Não entra no nosso plano contar a campanha de 1801, triste campanha de quinze dias em que se cobriram de vergonha as nossas armas, como se cobrira de opprobrio a nossa diplomacia em todas as negociações d'esse tempo. A campanha terminou com um tratado humilhante, que nos fez perder Olivença e o seu territorio. Pouco tempo depois assignava-se em Amiens a paz geral, e a Inglaterra, ainda que por pouco tempo, restabelecia com a França e com a Hespanha as suas boas relações. Desprezando-nos como sempre, nem deu sequer um passo para que nos fosse restituida Olivença, que

perderamos unicamente por nos termos querido conservar fieis a uma alliança que sempre nos foi onerosa!

Esta campanha realmente miseranda, em que generaes, officiaes e soldados tinham dado provas de uma covardia que contrastava de um modo notavel com as nossas gloriosas tradições militares, as vergonhosas negociações diplomaticas em que andaramos empenhados, e em que o nosso gabinete aceitara com a mais humilde subserviencia todas as desconsiderações da Inglaterra, todos os desprezos da Hespanha, sem cessar ao mesmo tempo de implorar humildemente o perdão da França, fizera-nos descer de um modo incrível na consideração da Europa. Já quasi que não eramos tidos como nação independente, mas sim como uma colonia ingleza, ou como um d'esses reinos vassallos da India, cujo soberano exerce um poder completamente ficticio ao lado do residente britanico, que concentra nas suas mãos a verdadeira autoridade. Por isso tambem Bonaparte não fazia cerimoniaes connosco; o embaixador que para aqui nos mandou foi não um dos seus diplomatas, mas o general que tinha menos proprio para esse mister, que nunca o exerceu senão aqui, um dos seus officiaes mais valentes e mais dedicados, mas tambem dos mais rudes e dos mais soldadescos, o general Lannes emfim. É que o primeiro consul não queria em Lisboa um embaixador que representasse a França, queria um delegado que intimasse com aspereza as suas vontades, e que soubesse fa-

zer-se obedecer por essa côrte, que elle desprezava ainda mais do que desprezava a da Hespanha, o que não é dizer pouco.

Lannes foi effectivamente em Lisboa o fiel executor d'essa missão. A insolencia com que tratava o principe regente e os seus ministros, as suas disparatadas exigencias excederam todos os limites, mas tambem passou todas as raias a subserviencia da côrte portugueza. Insultado a cada instante pelo ministro francez que nem lhe chamava principe do Brazil, mas simplesmente *M. du Brésil*, o futuro D. João VI condescendeu apezar d'isso em ser padrinho de um filho de Lannes, presenteando por essa occasião com valiosas dadivas o atrevido general! Lannes fez descaradamente contrabando, e não só ninguem lhe foi á mão, mas ainda em cima foi demittido, por exigencia sua, do logar de director da alfandega o intendente de policia Pina Manique. Um governo, que olvida a tal ponto a sua dignidade, que, para evitar um rompimento com uma nação poderosa, sacrifica d'este modo todos os direitos e todas as regalias da sua independencia, não faz mais do que adiar vergonhosamente a catastrophe. A sua torpe condescendencia torna cada vez mais exigente e altivo o estrangeiro que se habitua a desprezal-o, e a nação que não sabe reagir contra o insulto cáe do mesmo modo, mas coberta de opprobrio em vez de cair com dignidade.

É essa a triste historia da politica portugueza em presença das violencias de Bonaparte. Quando, pouco depois de concluida a paz de Amiens, rom-

peram de novo as hostilidades entre a Inglaterra e a França, de novo começaram para Portugal as angustias da fraqueza. Sem ter coragem de se lançar francamente no partido da Inglaterra ou da França, começou a negociar uma neutralidade, que Bonaparte não quiz nunca tomar a serio, e que só consentiu em reconhecer a troco de um subsidio de dezeseis milhões de francos. Mas um governo não se póde considerar neutral, desde o momento que soccorre com fortes quantias uma das nações belligerantes, e a Inglaterra tinha todo o direito de protestar. Não protestou comtudo, não por compaixão pela nossa fraqueza como se podia suppôr, mas porque lhe convinha ter os nossos portos abertos para refresco e abrigo das suas esquadras, e receber aqui todos os soccorros de que havia mister. Mas d'esse modo tambem Portugal violava a sua ficticia neutralidade, favorecendo a outra nação belligerante! A neutralidade portugueza era de novo genero, não consistia em não dar soccorros nem a um nem a outro dos contendores, consistia em os soccorrer a ambos. Este systema punha-nos simplesmente á mercê da primeira das duas nações que se lembrasse de protestar contra as violações de neutralidade, que a cada instante commettiamos, ou pagando tributo á França, ou fornecendo de tudo quanto lhes era necessario as esquadras inglezas.

A que havia de protestar primeiro era naturalmente a França. Não só Bonaparte sabia bem que todas as nossas sympathias eram pela Inglaterra, mas tambem os constantes desastres da marinha

franceza irritavam-n'o contra um paiz, que os facilitava, abastecendo as victoriosas esquadras inglezas, e dando-lhes muitas vezes indicações e avisos preciosos. Além d'isso a Hespanha, alliada com a França, ambicionava qualquer ensejo de conquistar esta sempre cubiçada preza. Comtudo o raio, que por mais de uma vez nos ameaçou, só veio a estalar, quando Bonaparte, já então imperador dos francezes com o nome de Napoleão I, concebeu a arrojada mas impraticavel idéa do *bloqueio continental*.

Foi em 1806 que elle primeiro imaginou esse plano gigante, principal origem talvez das suas desventuras. Irritado com a invulnerabilidade da Inglaterra, em cujo territorio não podiam entrar os seus exercitos, porque o defendia o mar, dominado pelas esquadras britannicas, Napoleão lembrou-se um dia de excluir o commercio inglez de todo o continente da Europa, de lhe fechar todos os portos, de proscreever emfim a Grã-Bretanha da communiidade das nações européas. O plano era colossal, mas de uma difficuldade pasmosa na sua realisação. Para o executar precisava de arrastar a Europa toda na orbita da sua politica violenta, de obrigar a Europa toda a supportar os vexames, e os incommodos de uma fiscalisação apertadissima, de forçar todas as nações a isolarem-se não só da Inglaterra, mas da America, privando-se dos generos coloniaes que só podiam vir pelo mar que as esquadras inglezas senhoreavam. Precisava de levar a Europa toda não só a pedir a paz á França, mas a romper a

hostilidades com a sua eterna inimiga. Napoleão concebera a idéa de unir todo o continente n'uma formidavel cruzada contra a Inglaterra.

O orgulho da victoria desvairara o grande capitão; o habito de ver os reis a seus pés inspiravalle um desprezo profundo por todos os governos, ou mais ainda por todos os homens. Não via que as nações por elle vencidas e humilhadas não só não podiam partilhar os seus sentimentos, esposar as suas sympathias e os seus odios, mas deviam conservar um secreto fermento de colera, e um desejo ardente de vingança. Como podia suppôr que a Prussia e a Austria, vencidas na vespera, se uniriam sinceramente com elle para fazer uma guerra de morte á Inglaterra? O imperador da Russia, lisongeado por Bonaparte, acariciado nos seus desejos ambiciosos, foi por algum tempo, é certo, seu sincero alliado, mas a interrupção das relações com a Inglaterra prejudicava os interesses da Russia, e o czar tinha forçosamente de fechar os olhos ao contrabando, que fazia por esse lado do bloqueio continental uma verdadeira chimera. Succedia pouco mais ou menos o mesmo em toda a parte; as leis economicas, violadas rudemente pelo grande imperador allucinado, reagiam com força, e não havia violencias, arbitrariedades, que podessem obrigar a Europa civilisada a privar-se do commercio maritimo para obedecer á vontade de um homem.

Enlevado porém na sua gigante chimera, Napoleão não recuava diante de coisa alguma para a tornar uma realidade. O que primeiro que tudo lhe

era indispensavel era obrigar todas as nações da Europa a romperem com a Inglaterra. Isto só por si era uma violação incrível do direito das gentes. Que tinham as outras nações que ver com as discordias entre a Inglaterra e a França? O que é que autorizava um dos belligerantes a coagir os outros povos a entrarem n'uma luta que os não interessava? Desvairado pelo successo constante das suas armas, Napoleão não reconhecia no mundo lei superior á sua vontade. Não era já só o imperador da França, era o despota da Europa; todos os povos haviam de reconhecer a sua supremacia. Assim com estas extravagantes violencias ia Napoleão lentamente preparando os elementos da procella, onde tinha de desaparecer, anniquilada n'uma tremenda catastrophe, a sua espantosa fortuna.

Não ficou pouco surprehendido e pouco aterrado o governo portuguez, quando recebeu a intimação de fechar os seus portos aos inglezes, e de confiscar os bens aos subditos da Grã-Bretanha residentes em Portugal. Isto era incontestavelmente uma arbitrariedade indigna, e comtudo, devemos dizel-o, de todas as nações da Europa victimas n'essa epoca da insolente politica de Napoleão, era o nosso paiz o que tinha menos direito de queixarse. Cumprira elle por acaso os deveres da neutralidade? Não, bem o sabemos. Mais dia, menos dia, haviamos de ser obrigados a tomar uma attitude decidida, logo que a nossa neutralidade estava sendo perfeitamente phantastica.

Em presença d'isto julgar-se-ia que enfim Portugal sairia do seu miseravel systema de humilhante condescendencia, e reagiria contra as insolitas exigencias do governo francez. Não succedeu porém assim, o governo do principe regente D. João resolveu fazer-nos beber até ás fezes o calix de todas as humilhações. Em vez de se rebellear contra a inqualificavel medida, que Napoleão lhe impunha obrigando-o a prender os inglezes residentes em Portugal, e a confiscar as suas propriedades, o principe D. João acedeu ás exigencias do governo francez, reforçadas pelo governo hespanhol, mas ao mesmo tempo permittiu secretamente que saíssem de Portugal os subditos inglezes, que o quizessem fazer, com todos os seus haveres, compromettendo-se tambem em segredo a indemnisal-os dos prejuizos que se visse obrigado a causar-lhes. Depois d'isto promulgou o decreto de 20 de outubro de 1807, em que declarava que, adherindo á causa do continente e alliando-se com a França, fechava os seus portos aos navios inglezes. Emfim, por decreto de 8 de novembro do mesmo anno, determinou que fossem presos os subditos inglezes ainda residentes em Portugal, e sequestradas as suas propriedades. Ao mesmo tempo o embaixador inglez, lord Strangford, recolhia-se a bordo da esquadra da sua nação que cruzava, commandada por sir Sidney Smith, diante da foz do Tejo.

Este ultimo decreto, arrancado á pusillanimidade da côrte portugueza pelas ameaças de Napoleão, furioso ao saber que tinham saído sãos e salvos de

Portugal muitos subditos inglezes que aqui residiam, irritou a Inglaterra, que até ahí condescendera em que o nosso governo obedecesse aparentemente ás ordens do imperador de França.

Ficamos então n'uma situação curiosa, graças á fraqueza da nossa diplomacia. Napoleão, irritado por não se terem cumprido ao pé da letra as suas determinações, sequestrava nos portos de França os navios portuguezes; o governo britannico, irritado por termos levado ao ultimo ponto a nossa condescendencia com as exigencias francezas, aprezava nos mares os nossos navios mercantes, apossava-se da ilha da Madeira, e considerava-se em guerra comnosco. A covarde duplicidade do nosso gabinete não serviria senão para chamar contra nós a colera dos dois belligerantes.

E evitava-se por acaso assim a catastrophe suprema, a conquista de Portugal? Era claro que não, e os acontecimentos vieram logo demonstrar-o. Napoleão não podia esperar que o governo portuguez o ajudasse sinceramente no seu plano do bloqueio continental. Elle, que para assegurar o exito da sua idéa, não hesitara em forçar indirectamente seu irmão, Luiz, rei da Hollanda, a abdicar, e em reunir os seus estados ao imperio francez, ainda menos hesitaria em se assenhorear de Portugal. Tinha além d'isso a avida Hespanha a instar com elle para que assim procedesse, e em especial o primeiro ministro, principe da Paz, que alimentava a respeito da nossa terra arrojados e ambiciosos pensamentos. O interprete dos seus desejos em Paris era

um agente diplomatico bastante habil, D. Eugenio Izquierdo. As suggestões d'este agente encontraram echo facilmente nas tendencias da politica napoleonica, e no habito que o imperador contraira de revolver, a seu capricho, a carta européa. Por isso, emquanto o governo portuguez se desfazia em concessões humilhantes, e em timidos estratagemas, para satisfazer as exigencias do altivo conquistador, o general Duroc, munido dos plenos poderes do imperador dos francezes, e o agente hespanhol Izquierdo, representando o rei Carlos IV, assignavam em Fontainebleau, no dia 29 de outubro de 1807, um tratado pelo qual Portugal era dividido em tres porções.

A primeira, que recebia o nome de reino da Lusitania septemtrional, e que se compunha da provincia d'Entre Douro e Minho, era dada á infanta de Hespanha, que, por munificencia de Napoleão, reinara, com o titulo de rainha da Etruria, nas provincias italianas que posteriormente constituíram o grão-ducado da Toscana, e que, retrocedendo agora essas provincias ao imperador dos francezes, recebia em compensação esse fragmento de Portugal; o segundo lote compunha-se das provincias do Alemtejo e do Algarve, e formava o principado dos Algarves, que constituia o apanagio do principe da Paz; a Beira, a Estremadura e Trazos-Montes ficavam nas mãos da França, podendo estas provincias, dizia o tratado, ser restituídas á casa de Bragança por occasião da paz geral. Para executar estas decisões soberanas, poz-se imme-

diatamente em marcha através da Hespanha um exercito de vinte e tantos mil homens, que se formara em Bayona, com o nome de exercito da Gironda, e cujo commando foi dado ao general Junot, primeiro ajudante de campo do imperador, governador militar de Paris, e que estivera algum tempo em Lisboa como ministro da França, depois de se ter retirado o marechal Lannes.

A noticia do tratado de Fontainebleau veio encher de espanto e de terror a côrte portugueza, que, fiel ao seu systema de timida duplicidade, esperava conquistar as boas graças de Napoleão com supplicas humilhantes, e ao mesmo tempo conferenciava em segredo com o ministro inglez, que se retirara ostensivamente para bordo da esquadra de sir Sidney Smith. Quando o *Monitor* francez revelou ao principe regente essa convenção de Fontainebleau, deshonorosa para os seus signatarios, que assim repartiam entre si uma nação independente, mil resoluções encontradas se atropellaram no seu timido e pouco esclarecido espirito. As opiniões dos seus conselheiros divergiam profundamente; no seio do proprio ministerio havia partidarios da alliança franceza e da alliança ingleza. O embaixador inglez, cujo voto pesava muito nos conselhos de um principe costumado a seguir cegamente as ordens da Inglaterra, lembrava que a familia real fugisse para o Brazil, para evitar o cair nas mãos do exercito de Junot que avançava a marchas forçadas. Hesitava o principe em seguir este conselho, que entregava o reino aos francezes.

e lançava a familia real nos braços da Inglaterra, cuja esquadra se offerecia para escoltar os regios fugitivos, e que ia ver assim abertos ao seu commercio os portos da America portugueza. Mas as noticias da marcha rapida de Junot, que voava atravez da Beira, influíram de um modo decisivo no espirito pusillanime do principe regente. Publicando uma proclamação, em que ordenava ao povo que acolhesse como amigos os soldados do imperador dos francezes (!), nomeando uma regencia para governar o reino em sua ausencia, o principe annunciou a sua intenção de transferir para o Brazil a residencia da côrte.

Esta noticia encheu de verdadeiro assombro a população de Lisboa. Eram inimigos os francezes? porque se lhe dizia então que os recebesse amigavelmente? Eram alliados? N'esse caso porque fugia o principe? Se chegara a hora da luta suprema e inevitavel, porque é que fugia o descendente de D. João I? Havia de se entregar aos francezes e hespanhoes, sem se queimar uma escorva ao menos, o velho Portugal de Aljubarrota? Que vergonha! que opprobrio! que tristissima e deploravel epoca!

Foi no dia 27 de novembro de 1807 que a familia real embarcou em Belem nos navios da esquadra portugueza, surta no Tejo, e que foi seguida por um grande numero de navios mercantes, porque innumeraveis pessoas acompanharam a familia real, tanto funcionarios como fidalgos e gente que queria seguir os destinos da côrte. Alguns regimentos receberam ordem tambem para embarcar,

e uma infinidade de objectos preciosos, que nunca mais voltaram do Brazil, foram transportados para bordo da esquadra. Innumera multidão de povo, agglomerado no cáes, contemplava com espanto esta fuga sem precedentes, e por mais de uma vez soltou gritos ameaçadores. O tempo estava chuvoso e triste; na passagem dos coches para bordo dos escaleres, as pessoas reaes foram acolhidas com gritos de amor e lagrimas por esse pobre povo, que ainda votava aos seus reis um affecto que elles já lhe não mereciam. « Não nos abandone » diziam os tristes populares, e o principe regente, fraco, pouco intelligente, mas bondoso, respondia com prantos ás supplicas dos subditos que desamparava. A rainha D. Maria I, que estava louca havia quinze annos, motivo pelo qual assumira as reaes do governo o principe seu filho, soltou gritos dilacerantes quando a transportaram do coche para bordo da embarcação. Os seus brados selvagens de doida, gelando de terror os que a ouviam, tornaram ainda mais tragico esse spectaculo miserando.

O vento contrario impediu a esquadra de seguir viagem, e transes mortaes saltaram por dois dias o principe regente, que a cada instante julgava escutar, da sua camara a bordo, os brados de victoria dos soldados de Junot. Finalmente no dia 29 pôde a esquadra levantar ferro, e só no dia immediato é que entraram em Lisboa dois regimentos de granadeiros francezes, esfarrapados, descalços, desarmados, rendidos de fome e de fadiga, diante dos quaes fugia a todo o panno a esquadra que

levava a seu bordo os soberanos de Portugal!

Não se descreve o estado em que ficou Lisboa depois da partida da real familia. A confusão era inexprimivel; não havia policia, não havia governo. Ninguém sabia o que tinha a temer nem o caminho que havia de seguir. A côrte levava consigo todo o dinheiro que pôdera juntar, e entretanto ficava devendo mezes de soldo ao exercito, os seus ordenados aos funcionarios publicos, e aos crédores do estado o pagamento de dividas sagradas! Nunca se mostrara de um modo mais odioso o egoismo da monarchia absoluta, que considerava o paiz como propriedade sua. Estava em segurança a familia real; o que importava o resto?

Consuminara-se a vergonha suprema, que corroava dignamente a opprobriosa historia de Portugal durante as grandes lutas da Revolução e do principio do Imperio. Negociações diplomaticas sempre humilhantes, falta absoluta de dignidade para repellir insultos que nenhum governo deve soffrer, duplicidade politica que nos attrahia o desprezo dos contendores, cujas boas graças queriamos conciliar, eis o que caracterisou a attitude do nosso paiz em presença da grande crise européa. Eramos pequenos e fracos, é certo, mas fraca e pequena era tambem a Dinamarca, e representou com dignidade o seu papel na grande tragedia em que foi uma das victimas. Fiel á sua alliança com o governo francez, por ella padeceu, sem andar a curvar-se humildemente diante do poderoso governo britannico. Foi atrozmente bombardeada Cope-

nhague, e maiores desgraças ainda a ameaçaram, mas o rei da Dinamarca não fugiu diante dos navios inglezes, como o principe regente de Portugal diante dos soldados de Junot.

O principe D. João, abandonando os seus estados aos francezes sem a mais leve tentativa de resistencia, assignou verdadeiramente a sua abdicção. Na hora da crise abandonava o povo que tinha obrigação de guiar e defender, abandonava-o simplesmente para pôr a salvo a sua preciosa pessoa, não para ir congregar em sitio mais seguro os elementos de resistencia ao estrangeiro. Quando rebentou a heroica insurreição portugueza, o principe D. João recebeu com pasmo a noticia, elle que não julgara sequer possivel o sonho da resistencia. Seguro no Rio de Janeiro, nem ao menos se lembrou de mandar um navio da sua esquadra cruzar nas costas de Portugal, para dizer aos seus subditos que o seu principe os não olvidava. Elle sim! Desde o momento que a corôa de Portugal tinha espinhos, arrancava-a da cabeça, arrojava-a aos pés de Junot, e atravessava o Atlantico para ir reinar com socego á sombra das bananeiras americanas. Coitado! deviam pungil-o de vez em quando as saudades do canto-chão de Mafra! E o povo comtudo, quando, abandonado, inerme, soltou o grito heroico do pronunciamento, proclamou de envolta com a independencia da patria a realeza do principe D. João! Era a força do habito! A monarchia tinha felizmente gloriosas tradições que o povo não olvidava; mas esse povo, fiel aos seus reis, vendo-

se obrigado pela força das circumstancias a despertar do lethargo em que o adormecera o regimen do throno e do altar, conheceu a sua força, e percebeu que, logo que sabia cumprir lealmente os seus deveres, podia tambem fazer respeitar os seus direitos. O povo, para defender a terra do seu berço, erguera-se de subito com as armas em punho; era já difficil obrigar-o a ajoelhar de novo. A realza, que saíra d'aqui absoluta, teve de pedir á Constituição que lhe abrisse as portas de Portugal. A realza tradicional e despotica fugira covardemente do inimigo; não foi pequeno o seu espanto, quando, ao regressar á terra que abandonara, se encontrou face a face com o vulto luminoso da Liberdade.

---

---

## II

A marcha de Junot — Attitude da população portugueza — Exacções dos francezes — Suppressão da bandeira nacional — Reducção do nosso exercito — A legião portugueza — Contribuição de guerra — Violencias dos conquistadores — A deputação enviada a Napoleão — A guerra de Hespanha — Revolução do Porto — A marcha de Loison — Propaga-se a insurreição — Revolta do Algarve — Viagem de um cahique atravez do Oceano — Margaron em Leiria e Loison em Evora — A junta do Porto — Desembarque dos inglezes — Combate da Rolica — Batalha do Vimeiro — Convenção de Cintra — Fim da primeira invasão franceza.

Dissemos que o exercito de Junot atravessava a marchas forçadas a Hespanha para vir executar em Portugal as disposições do tratado de Fon-

tainebleau. Começara o inverno com insolito rigor, e o exercito francez, para cumprir as ordens de Napoleão, tinha de vencer innumeradas difficuldades. Já em Hespanha, apesar de ser terra aliada, principiou a sentir os incommodos das marchas violentas por asperos caminhos. Faltavam-lhe por toda a parte os viveres; a invernias salteiou-o nas serras do reino de Leão, que tinha de atravessar, e as divisões francezas viram-se perdidas n'essas medonhas solidões, perseguidas pela tempestade, e pela fome. Tres exercitos hespanhoes deviam auxiliar Junot no cumprimento da sua missão; um, commandado pelo general Solano, devia tomar posse do principado dos Algarves, outro, commandado pelo general Taranco, devia occupar a Lusitania septentrional, o terceiro finalmente, commandado pelo general Caraffa, devia acompanhar Junot na sua marcha sobre Lisboa.

Esta ultima divisão, precedendo o exercito francez no seu caminho para a fronteira portugueza, esgotara por tal forma os recursos do paiz que atravessava, que isso ainda tornou mais desgraçada a situação de Junot. Os francezes chegaram á nossa fronteira, já com graves perdas e completamente desordenados.

Não hesitou comtudo nem um instante o seu general, e, depois de reorganisar o melhor que pôde as suas divisões, internou-se na Beira para chegar a Lisboa pelo caminho mais curto. Os serros d'essa provincia, n'uma epoca em que não havia nem rudimentos de viação publica, tornar-lhe-iam

sempre difficultosa a marcha, mas quasi lh'a impossibilitavam completamente n'esse aspero mez de novembro, em que as chuvas copiosas tinham transformado em torrentes os regatos, e tornado intransitaveis as veredas invias e pedregosas. Junot chegou a Castello-Branco, arrastando comsigo um punhado de soldados extenuados e famintos. Proseguiu comtudo, marchando de Castello-Branco para Abrantes por essas estereis solidões que ainda hoje entristecem o olhar do viajante. O desespero já salteara os seus soldados, que, depois de um dia de marchas forçadas penosissimas em que tinham de vadear torrentes, descer e subir despenhadeiros, não encontravam os minimos recursos nas miseras aldeias onde poisavam. Não havia disciplina que os contivesse, as aldeias eram saqueadas. Sarzedas e Sobreira-Formosa foram victimas da furia dos invasores. Mas as tropas n'essas marchas desordenadas apresentavam um aspecto miserando, e atravessavam comtudo incolumes, por desleixo e depois por ordem do principe regente, sitios onde um punhado de camponeses armados de varapaus dispersariam facilmente esses miseros representantes do grande exercito.

Assim chegaram a Abrantes no dia 24 de novembro, onde, depois de se refazerem um pouco, de concertarem as armas arruinadas, e de se fornecerm de sapatos, seguiram na marcha para Lisboa, que se lhes affigurava agora mais facil, porque a vista do ridente valle do Tejo os consolava das passadas fadigas. Não succedeu assim; a

passagem do caudaloso rio Zezere, e as inundações dos campos da Gollegã foram novos obstaculos que não venceram sem custo, e só no dia 30 de novembro ás 7 horas da manhã é que Junot pôde finalmente entrar na capital do reino.

Mas quaes eram as tropas que entravam em Lisboa? O exercito francez estava todo espalhado pelo caminho, e Junot, que formara em Santarem um corpo de quatro mil homens escolhidos, ainda deixara pelos campos alagados da Gollegã a maior parte d'essa pequena divisão, e entrava com dois regimentos de granadeiros, esfarrapados, descalços, desarmados, exhaustos de fome e de cansaço, n'uma cidade populosissima, cujos habitantes olhavam com pasmo para os seus estranhos vencedores.

Sem descansar um momento, e sem se importar com as impressões dos lisbonenses, Junot correu á torre de S. Julião da Barra. Queria ver com os seus proprios olhos se ainda havia esperanças de fazer voltar ao Tejo a esquadra fugitiva. Já não era tempo. O fogo da fortaleza apenas fez retrogradar alguns navios mercantes, que tentavam juntar-se ao comboyo que velejava para o Brazil.

Mostrou-se Junot extremamente irritado com a salvação do principe regente. De nada lhe servira a rapidez da sua marcha. Conhecendo o imperador, e sabendo quanto elle se encolerisava quando as suas vontades não eram cumpridas, receiou por algum tempo o general francez ter incorrido na ira de seu amo. Não succedeu assim. A ousadia da sua marcha temeraria, a inquebrantavel energia com que

Junot superou todos os obstaculos, impressionaram de um modo agradavel o animo audacioso de Napoleão. Em vez de punir, recompensou. Como Abrantes fôra o objectivo da marcha de Junot, foi com o titulo de duque de Abrantes que Bonaparte premiou a feliz temeridade do seu logar-tenente.

Illudir-se-ia estranhamente quem suppozesse que Junot foi recebido em Lisboa com a hostilidade, que todos os portuguezes depois manifestaram. O povo não via, é certo, com bons olhos os soldados estrangeiros, mas as altas classes acolheram-n'os servilmente; os membros da regencia deixada em Portugal pelo principe D. João, e que eram o marquez de Abrantes, o principal Castro, D. Pedro de Mello Breyner, os tenentes-generaes Francisco da Cunha e Menezes e D. Francisco Xavier de Noronha, procuraram com a humildade da sua attitude conquistar o direito de continuar a ficar á testa do governo, e não tiveram duvida em admitir no seu seio um agente francez, M. Herman, que exerceu depois as funcções de ministro da fazenda no governo organisação por Junot, e que foi um dos poucos francezes que deixaram de si gratas recordações em Portugal. Os prelados, e entre elles o proprio bispo do Porto, que depois tanto excitou contra os invasores o fanatismo da plebe, publicaram pastoraes em que exaltavam o genio de Napoleão, e em que aconselhavam a obediencia aos seus dictames. Por outro lado o nascente partido liberal, representado principalmente pelos affiliados na maçonaria, via nos soldados do impera-

dor os filhos da Revolução, e, se não esperava das mãos de Junot um regimen constitucional, esperava pelo menos que elle introduzisse em Portugal os beneficios sociaes do movimento de 1789, consagrados nas instituições do imperio francez, onde só faltava o elemento que vivifica as sociedades democraticas — a liberdade.

Todos tiveram em pouco tempo o mais cruel desengano. Junot, de todos os generaes de Napoleão, era o menos proprio para exercer uma missão politica importante. Não tinha a illustração de Marmont, para administrar sabiamente Portugal, como o duque de Ragusa administrou a Illyria; era apenas um soldado valente, mas ignorante e rude. Tratou logo Portugal como *paiz conquistado*, segundo o proloquio francez. Sequestrando as propriedades e manufacturas inglezas, não fazia senão cumprir as ordens do seu governo, mas excedia-as de certo, quando impunha mil vexames aos habitantes de Lisboa com o aboletamento dos seus soldados, entre os quaes estava muito relaxado o laço da disciplina. E como não haviam elles de saquear as casas em que iam morar, quando os generaes lhes davam o exemplo? quando o proprio Junot mostrava uma sordida cubiça, fazendo torpe negocio com os passaportes, com as licenças aos navios para saírem de Lisboa, traindo assim, a pezo de oiro, os proprios interesses do bloqueio continental, idéa querida de seu amo? Os generaes francezes, com excepção do general de brigada Charlot e do general de divisão Travot, foram em Portugal uns

verdadeiros salteadores. A contribuição de dois milhões de francos imposta aos habitantes de Lisboa por Junot, as riquezas tomadas nos palacios da corôa e nos dos particulares, que tinham partido para o Brazil, sobre os quaes se poz sequestro, as pratas da Patriarchal apprehendidas não foram enriquecer exclusivamente o thesouro francez; ficaram em grande parte nas algibeiras dos agentes militares e civis de Napoleão.

Mas o que irritou mais o povo de Lisboa do que todas estas exacções foi a cerimonia de 13 de dezembro de 1807, a que Junot deu toda a solemnidade. Formando o exercito em parada, Junot mandou arriar no castello de S. Jorge a bandeira das Quinas e substituiu-a pela bandeira tricolor. Presenciando este insulto supremo, a população lisboense não pôde conter a sua dôr e a sua raiva. Rebentou nas ruas uma verdadeira sublevação; mas Junot, para fazer desaparecer o symbolo sagrado da nacionalidade portugueza, esperara que se houvesse reconstituído o seu exercito disseminado pelas estradas de Portugal, e que levou dias e dias a entrar em Lisboa a pouco e pouco. Estava por conseguinte em força, e facilmente reprimiu essa espontanea explosão da ira popular. O divorcio porém entre os portuguezes e os seus conquistadores ficou definitivamente sancionado. Debalde Junot depois, extinguindo o tribunal já sem força da Inquisição, procurou acariciar as esperanças dos liberaes, debalde prometteu ao paiz, nas suas ridiculas proclamações, um Camões para cada provincia, o sen-

timento da independencia nacional, tão vivo sempre no coração dos filhos d'este paiz, fôra profundamente ferido, e nunca mais Junot viu ao seu lado senão ou portuguezes degenerados, que não es-  
crupulisavam nos modos de saciar a sua ambição, ou portuguezes pusillanimes que tremiam diante da dictadura militar, que tinha na policia um implacavel agente, o celebre Lagarde.

Effectivamente Junot vira que a regencia portugueza, desprestigiada entre os seus compatriotas, não podia servir o seu dominio, e que os altos funcionarios nacionaes ou lhe fariam uma guerra surda, ou não teriam autoridade no paiz. Organizou portanto francamente um ministerio francez, e deu a intendencia da policia a um tal M. Lagarde, que exerceu o seu cargo de um modo verdadeiramente inquisitorial.

Ao mesmo tempo tratava Junot de levar a effeito uma medida, que não devia contribuir menos do que a desappareição da bandeira nacional para despopularisar o seu governo. Em cumprimento das ordens de Napoleão, que, precisando de formidaveis exercitos para as suas gigantes emprezas, perdia primeiro que tudo soldados aos paizes que conquistava, tratou de enviar para França o exercito portuguez, que, disperso pelo paiz, humilhado, tendo perdido a força moral, apresentava um aspecto miserando. Apurando apenas os soldados e officiaes mais proprios para as fadigas da guerra, e mandando os outros para suas casas, Junot reduziu o nosso exercito a uma pequena divisão, que, debai-

xo do commando do marquez de Alorna e de Gomes Freire de Andrade, e com o nome de legião lusitana, foi mandada servir no exercito francez. Innumerous soldados e bastantes officiaes desertaram para voltar de novo á patria, principalmente quando souberam que rebentara a insurreição, mas ainda assim a legião portugueza, posto que reduzida, desempenhou um papel importante nas pagnas gigantes dos ultimos annos do imperio. A honra da bandeira souberam-n'a elles manter brilhantemente n'esses prelios, onde como em jogos olympicos mais terriveis do que os que Pindaro cantou, havia representantes de todos os povos da Europa. Nas campanhas de 1809 e 1812 distinguiram-se muito as nossas tropas, e sobretudo em Wagram e na Moskowa mereceram os applausos dos seus companheiros de armas, e do proprio imperador Napoleão, que elogiou sem reserva a sua esplendida bravura.

Como se tudo isto não bastasse, o decreto de Bonaparte, que impunha a Portugal uma contribuição de cem milhões como resgate das propriedades particulares, levou ao seu auge os padecimentos do paiz. A razão, com que o decreto pretendia justificar-se, era verdadeiramente selvagem. Pois nos tempos modernos o direito de conquista implica o direito de saque das propriedades particulares, para que um povo tenha de as resgatar com uma contribuição enorme? Parece que o imperador Napoleão tomara a peito ver até que ponto chegava a paciencia dos portuguezes!

Além de tudo o mais, a contribuição era pesadíssima. Correspondevam cem milhões de francos a dezoito mil contos de réis, que hoje, pela diferença no valor do dinheiro, corresponderiam talvez a trinta e seis mil! Como é que um paiz arruinado, privado dos rendimentos do Brazil, cujo thesouro fôra nos ultimos tempos saqueado por todos aquelles que tiveram nas mãos as chaves dos seus cofres, primeiro pelo principe regente, depois pelos generaes francezes, como é que este desgraçado paiz podia pagar, além das contribuições habituaes, uma somma tão forte? Era materialmente impossivel. Junot comtudo descobriu o meio pratico de o conseguir, mandando recolher á casa da moeda o oiro e prata das egrejas, capellas e confrarias. Esta exacção intoleravel mais ainda exacerbou a colera do povo, que via ao mesmo tempo Junot mandar picar as armas reaes portuguezas na frontaria de todos os edificios publicos. Para tornar impossivel porém a reacção, o general francez mandava ao mesmo tempo desarmar as milicias. Isto não fazia senão exacerbar os animos dos portuguezes, e preparar uma explosão que estava sendo inevitavel.

Alguns dos nossos compatriotas comtudo aceitaram o regimen estrangeiro com submissão, e curvaram-se humildemente ás vontades de Junot. No governo, organizado pelo general francez, entraram com o titulo de conselheiros tres dos membros da antiga regencia que foram Pedro de Mello Breyner, o conde de Sampaio <sup>1</sup>, e o principal Castro. Uma

<sup>1</sup> Era um dos secretarios do governo.

deputação composta dos principaes fidalgos do reino, entre outros o marquez de Abrantes, o marquez de Marialva, o bispo de Coimbra, o bispo do Algarve, etc., foram a Bayona comprimentar o imperador Napoleão, e pedir-lhe que reduzisse o imposto de cem milhões que lançara a Portugal. Essa deputação emfim ia implorar a clemencia do vencedor; mas outra, que a Junta dos Tres Estados, inspirada pelos cortezãos de Junot, elegeu, estava destinada a representar um papel ainda mais aviltante: devia pedir a Napoleão que dêsse um rei a Portugal. Não foi sem repugnancia que os membros da Junta assignaram a supplica, e até a modificaram primeiro de um modo essencialissimo, porque introduziram no requerimento dois novos pedidos, um para que o rei nomeado fosse da familia imperial, outro para que se outhorgasse ao nosso paiz uma constituição similhante á do grão-ducado de Varsovia. Era o sentimento revolucionario, que por toda a parte se inoculava no animo dos povos, que se manifestava timidamente na humilde representação. Mas Junot irritou-se em extremo. Nem quiz que se falasse em constituição, nem que se coarctasse a liberdade de escolha do imperador! Podéra! se elle acariciava o sonho de cingir a corôa portugueza! Afinal a representação não partiu, porque a insurreição da Hespanha interceptou a comunicação entre Portugal e a França.

Não nos permitem os estreitos limites d'este livrinho dar conta dos acontecimentos que precederam a sublevação hespanhola; não podemos nar-

rar os insidiosos tramas de Napoleão, desejoso de conglobar a Hespanha no vasto systema do imperio francez, cercado de estados vassallos, de realzas subordinadas. Não diremos como o vergonhoso espectaculo dado pela côrte de Madrid, inspirando a Napoleão um profundo desprezo pelos homens que alli governavam, lhe fez parecer facillima a conquista. As dissensões da familia de Carlos IV, a abdição forçada d'este soberano, a subida ao throno de seu filho D. Fernando, a fraqueza de todos estes principes, que foram, lançando-se aos pés do imperador, encher as salas do palacio de Bayona com os clamores ignobeis das suas discordias familiares, levaram Napoleão a commetter um acto vergonhoso tambem, a arrancar a esses degenerados successores de Carlos V uma abdição sem valor, e a uma junta de *hidalgos* sem coragem, improvisados sem mandato em representantes do paiz, a eleição de José Bonaparte para rei das Hespanhas. Mas por traz d'esta côrte sem dignidade, d'estes grandes de Hespanha sem brios, estava a massa confusa e adormecida do povo, immerso em deshonoroso lethargo, mas zeloso ainda da sua independencia. A dôr do insulto despertou-o n'um momento. Com o bico da sua bota de montar, o imperador desmoronara, rindo, o edificio carunchoso do governo da Hespanha, mas viu de subito no terreno aplainado erguerem-se diante d'elle os serros de Baylen e as muralhas de Saragoça!

Não podia deixar de ter echos em Portugal a insurreição visinha. A Hespanha alliara-se com

a França para nos opprimir; mas o povo hespanhol, que rasgava as abdições de Carlos IV e de Fernando VII, rasgava juntamente, no seu impeto sublime, os nefastos e iniquos tratados que esse governo, renegado pela nação generosa a quem por tanto tempo deshonrara, concluíra com o estrangeiro dominador. Quando Junot entrara em Portugal pela Beira, trazendo comsigo a divisão hespanhola de Caraffa, entrara pelo Minho o exercito de Taranco, e pelo Alemtejo o exercito de Solano. Estes dois generaes tinham estabelecido o primeiro o seu quartel-general no Porto, o segundo em Setubal. Aquelle governara com moderação, e tornara-se bemquisto das populações; este exercea uma verdadeira tyrannia. Ambos porém não tardaram a reconhecer que Junot os considerava como seus subordinados. Irritaram-se com isso; o principe da Paz, magoado tambem, mandou-os sair de Portugal, depois, levado pelas hesitações da sua politica fluctuante, enviou contra-ordem. Solano não obedeceu, e atravessou a fronteira; Taranco, ou antes o general Ballestá, que o substituíra no commando, retrocedeu para o Porto; mas d'ahi a pouco tempo rebentavam os acontecimentos de Hespanha, e as juntas insurreccionaes chamavam em defeza da patria os soldados empregados no estrangeiro.

Foi este o signal da insurreição portugueza. O nosso povo já estava fremente e inquieto havia muito. Uma desordem, um protesto rebentava aqui ou além, chamma isolada que se apagava logo, mas

que denunciava, como essas labaredas subitaneas e ephemeras, que ondeiam, avisos de desastre, no cimo do Vesuvio, a proxima erupção.

Junot, para dominar o paiz, repartira assim o seu exercito:

O general Delaborde occupou Lisboa com a sua divisão; o general Travot, com outra divisão, guarneceu Oeiras, Cascaes e as fortalezas da Barra; as tropas da divisão Loison espalharam-se pelo littoral ao norte de Cascaes; Almeida teve a guarnição de um batalhão suiso; em Almada, Palmella etc., postaram-se dois batalhões. Quando o general Solano abandonou o *principado dos Algarves*, Junot tratou logo de se estabelecer nas duas provincias do sul, e mandou para Setubal o general Kellermann que até ahi estivera em Santarem com a cavallaria, para o Algarve o general Maurin, e para Elvas o coronel Michel.

De todos estes generaes poucos eram os que não tornavam odioso o nome francez. Excedia comtudo Loison a todos em crueldade; por isso o seu nome, ou antes a sua alcunha de *Maneta*, ficou para sempre em execração entre o nosso povo. Os seus generaes de brigada parece que o tomavam por modelo, e Thomiers em especial não se mostrou menos execrando. A execução summaria de um pobre camponez em Mafra por ordem de Loison, o castigo atroz de uma desordem nas Caldas da Rainha infligido por Loison e Thomiers que entraram em som de guerra na villa á testa de quatro mil homens, estas e muitas outras intoleraveis vio-

lencias não faziam senão atear em todos os espiritos o desejo ardente da vingança.

Por isso apenas rebentou o primeiro grito de revolta, foi pasmosa a rapidez com que se foi repercutindo de echo em echo por todo o Portugal. O brado salvador quem o soltou foi o Porto. As tropas hespanholas, chamadas á sua patria pelos acontecimentos, iam marchar para a Galliza. Ballestá, que já recusara reconhecer a autoridade do general Quesnel, que Junot mandara para o Porto, como enviara Kellermann para Setubal, quando uma ordem do principe da Paz, revogada por um aviso posterior, mandara retirar Taranco e Solano, Ballestá pois, antes de retirar definitivamente para Galliza, prende no dia 6 de junho de 1808 o general Quesnel, e reúne os principaes habitantes do Porto que proclamam com enthusiasmo a restauração da casa de Bragança.

Mas a partida das tropas hespanholas deixava desprotegido o movimento do Porto, filho de um impulso de enthusiasmo, e que não podia contar nem sequer com os mais ligeiros elementos de vida. Por isso o brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, para evitar as vinganças de Junot, tratou immediatamente de affogar essa manifestação que lhe parecia insensata. Com effeito a autoridade dos francezes foi logo restabelecida. Bastara porém este grito unico para despertar mil echos em todo o paiz; a 8 de junho pronuncia-se Braga, e logo em seguida Melgaço, Villa Pouca de Aguiar, e Chaves; no dia 11 o governador das armas de Bra-

gança, Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, acclama o principe regente, e sem perda de tempo organisa a insurreição, chama ás armas Traz os-Montes, e entra em relações com os insurgentes hespanhoes, a 16 subleva-se Guimarães, a 17 Vianna, a 18 Torre de Moncorvo. Não lavra com mais rapidez o fogo n'um rastilho de polvora do que lavrou a insurreição pelo norte de Portugal.

Presenciava o Porto com surpresa os resultados da sua iniciativa. Assustara-o o som da sua propria voz, vibrando no silencio do paiz opprimido. Ao impulso do enthusiasmo succedera logo o desalento da reflexão, e era com espanto supremo que ouvia de todos os pontos das provincias do norte responderem mil brados sympathicos ao seu clamor isolado. Esse grito voltava a reboar nos seus muros, amplificado pelos echos das serranias de Trazos-Montes. A 19 de junho de novo se proclamou no Porto a independencia portugueza, organisando-se logo uma junta provisoria de que foi presidente o bispo. Braga seguira em tudo os tramites do Porto; á revolução de 6 de junho logo respondera no dia 8; como no Porto, viera a reacção immediata; como no Porto tambem, de novo se iusurgia Braga no dia 20 de junho; seguiam-se a Braga, Barcellos, Mirandella, Alfandega da Fé. O reino da Lusitania septentrional, como dizia o tratado de Fontainebleau, estava em plena insurreição.

Apenas Junot tivera conhecimento da prisão do general Quesnel pelas tropas hespanholas de Ballestá, e do movimento de 6 de junho no Porto,

cuidou immediatamente em abafar a revolta. Começou por prender os soldados hespanhoes que tinha em Lisboa; por sua ordem Loison dirigiu-se com mil e oitocentos homens para Almeida (praça que tinha guarnição franceza) onde devia reforçar-se, marchando em seguida sobre o Porto. De Almeida até Lamego foi tudo bem, mas d'ahi por diante a insurreição minara cada palmo de terreno. Loison ainda avançou até Mezão-Frio no dia 21 de junho, mas, vendo o character que tomara essa insurreição repentina, achando-se com poucas forças para a reprimir, retirou, perseguido pelos camponeses, perdendo munições, bagagens, artilharia, e entrando no dia 1 de julho em Almeida, furioso com o resultado da sua pouco venturosa campanha, que, em vez de esmagar a revolta, não fizera senão desenvolvê-la pelo effeito moral que a sua retirada produzira.

Effectivamente agora a insurreição envolvia-o por todos os lados, mas desordenada, quasi inerte, sem elementos de força. Loison atravessou a Beira sublevada como um meteoro devastador. O saque, o incendio, o morticínio assignalavam a passagem dos seus batalhões. Os insurgentes, levados ao combate pelos padres e pelos frades, não podendo lutar face a face com soldados aguerridos e disciplinados, respondiam aos fuzilamentos com os assassinios. De parte a parte banira-se a piedade. Era a guerra selvagem em toda a sua hediondez. Era a luta das represalias; era a vingança implacavel. Guarda, Alpedrinha, Sarzedas fo-

ram saqueadas sem compaixão; mas a sexta parte do exercito de Loison ficou estendida nas agruras da Beira, victima da defeza desesperada dos montanhezes.

E a insurreição progredira; a 11 de julho Loison chegara a Santarem e deixara as provincias que atravessara devastadas sim, mas erguidas em massa contra os invasores. A 22 de junho sublevava-se Aveiro, a 23 Coimbra, onde eram aprizionados cem soldados francezes, e os estudantes, organisando-se em corpo militar, iam sublevar a Figueira, Tentugal, Carapinheiro, Montemór-o-Velho, Ega, Soure, Condeixa, Pombal, Leiria, S. Martinho e Nazareth, onde se aprizionava outro destacamento francez. Pelo lado do norte a insurreição estava quasi ás portas de Lisboa.

Mas do lado do norte para cima de Leiria havia apenas um ou outro fraquissimo destacamento francez, ao passo que no sul circumstancias especiaes tinham empregado quatro mil e quinhentos soldados na fronteira do Alemtejo. Junot recebera ordem de apoiar, como podesse, os movimentos dos exercitos francezes no sul da Hespanha; em virtude d'essa determinação, enviara para os lados d'Elvas os generaes Kellermann e Avril. Lutou por isso com mais embaraços a insurreição do Algarve e do Alemtejo, mas nem por isso rebentou com menos força. A 16 de junho estalava a revolta em Olhão; os francezes saíram de Faro para a reprimir, revoltou-se Faro. O general Maurin caiu nas mãos dos insurgentes, que aprizionavam tambem

a guarnição de Tavira. A guarnição franceza de Villa Real batia é certo os portuguezes em Guel-fes, mas o official, que substituiu o general Maurin, vendo todo o Algarve em fogo, ordenou ás suas tropas um movimento de concentração e retirou com ellas para o Alemtejo.

N'esta provincia a insurreição já rebentara atravez de mil desastres, vencida aqui, brotando logo além, fecundada pelo sangue de centenaes de martyres.

Villa Viçosa insurgiu-se, o general Avril castigou-a com rudeza; Beja sublevou-se, Kellermann lançou-lhe fogo e passou ao fio da espada os seus habitantes; mas, apenas os francezes saiam, deixando atraz de si a devastação e o incendio, rebentava outra vez a revolta. Os insurgentes da Extremadura hespanhola atravessavam a fronteira, e vinham auxiliar os seus inimigos de outro tempo, unidos agora pelo odio aos tyrannos da Peninsula. Os generaes francezes não sabiam já como haviam de prostrar esta hydra de cem cabeças a cada instante renascentes.

Junot, com o joelho sobre o peito de Lisboa subjugada mas fremente, escutava com assombro esta explosão subita que lhe rebentava por todos os lados. A onda da insurreição já chegava por um lado a Leiria, por outro a Alcacer do Sal. Além d'isso uma esquadra ingleza, commandada por sir Charles Cotton, e que não cessára de cruzar nas costas do reino, espreitava ensejo favoravel para tentar um desembarque. Era mister tomar uma reso-

lução energica. Junot começou por ordenar ás suas tropas que se concentrassem em torno de Lisboa.

A insurreição aproveitava tambem esse momento de respiro para se organizar o melhor que podia. Ao norte a junta do Porto, que tomara a direcção suprema da revolta para esse lado, sollicitava dons, lançava tributos, entrava em relações com as juntas hespanholas, ao sul o general Francisco de Paula Leite e o arcebispo d'Évora entendiam-se com o general hespanhol Moretti, chefe da insurreição de Badajoz, e procuravam organizar a resistencia do Alemtejo; a sublevação do Algarve escolhera para a dirigir uma junta de que foi nomeado presidente primeiro o conde de Castromarim, depois o bispo da diocese. Foi então que se praticou um d'esses actos de audacia maritima, que não são raros nos fastos portuguezes. O mestre Manoel Martins Garrocho e o piloto Manoel de Oliveira Nobre metteram-se em Olhão n'um pequeno cahique, e determinaram levar a noticia da revolução de Portugal ao Rio de Janeiro. Lá foram atravez das solidões do Oceano no seu fragil batel, e, tomando na Madeira um piloto mais pratico, chegaram enfim ao Brazil, onde o espanto e o jubilo produzidos pela feliz noticia de que eram portadores só egualaram a admiração e o pasmo, que a todos inspirava a audacia dos alviçareiros. Recompensou-os o principe, e, mandando-lhes dar melhor navio para regressarem á patria, encarregou-os de trazerem a noticia de que era elevado a marquez de Olhão o conde de Castromarim, e de que a villa do Algar-

ve, onde primeiro rebentara o movimento, se chamaria d'ahi em diante Villa de Olhão da Restauração.

Estas mercês importantes, e os seus votos arden-tes pelo feliz exito da insurreição portugueza, fo-ram todos os soccorros que o principe D. João en-viou aos seus fieis vassallos. Podia ser menos!

E, para sermos justos, devemos dizer tambem, que é mais que provavel que no Rio de Janeiro se cantasse um *Te Deum* pela feliz nova, e se fizes-sem preces nas egrejas pelo successo da revolução.

Entretanto Junot tratava de debellar systemati-camente o movimento portuguez. Querendo empre-gar o terror; entendeu que o homem mais compe-tente para executar as suas ordens era Loison. Entregou portanto ao celebre *Maneta* as brigadas Thomiers, Margaron, Kellermann, Brenier e Soli-gnac, e encarregou-o de limpar de inimigos os ar-redores septemtrionaes de Lisboa. Margaron mar-chou contra Leiria á frente de quatro ou cinco mil homens; oppozeram-lhe os leirienses a resistencia intrepida mas desordenada das populações em anar-chia, sempre, apezar do seu valor, mais perigosas para os seus chefes do que para o inimigo. Foi o que succedeu em Leiria. Emquanto o tenente-co-ronel Rodrigo Barba fugia para que os seus solda-dos o não assassinassem, Margaron vencia com fa-cilidade a resistencia corajosa dos guerrilheiros, e, entrando em Leiria, consentia que as suas tropas praticassem atrocidades sem nome.

Passando d'alli a Thomar, impunha a esta villa

uma contribuição de vinte mil cruzados, e marchava enfim a reunir-se a Loison em Santarem. Ao mesmo tempo Thomiers entrava na Nazareth, e alli praticava atrocidades ainda mais odiosas do que as de Margaron, porque nem sequer tinham a desculpa da exaltação da luta. O general francez entrou na villa sem resistencia.

Subjugados assim os arredores da capital, que era o que Junot desejara principalmente, Kellermann e Margaron espalharam as suas tropas por Santarem, Abrantes e Rio-Maior; Thomiers dividiu a sua brigada entre Santarem e Obidos; e Loison, voltando a Lisboa, atravessou o Tejo e dirigiu-se para Evora com seis mil homens de infantaria, e seiscentos de cavallaria.

O general hespanhol Moretti commandava as tropas collecticias que defendiam a capital do Alemtejo, e que se compunham principalmente de populares desordenados, dois regimentos hespanhoes, que foram os que se portaram peor, e umas companhias dos antigos regimentos portuguezes reorganisadas á pressa. Destroçados facilmente em campina rasa, os defensores de Evora ainda se sustentaram por algum tempo nas portas da cidade, mas os francezes não tardaram a irromper pelas muralhas arruinadas, impondo á desgraçada Evora a dura lei dos vencedores. O saque em todo o seu horror dominou por mais de tres dias na desventurosa cidade. O incendio das casas, a profanação das egrejas, o fuzilamento dos padres, a violação das freiras, o morticínio, o roubo, as violencias,

todos os infamissimos crimes que autorisava a conquista, quando as tropas victoriosas eram commandadas por generaes com os perversos instinctos e com a brutalidade de Loison, todos esses crimes se praticaram em Evora! Depois Estremoz, Elvas, Arronches e Portalegre sentiram o peso da espada de Loison; o Alemtejo pôde ver, como a Beira já vira, o que eram as represalias do feroz official de Napoleão.

Mas entretanto soava no relógio do destino a ultima hora do dominio francez em Portugal; no dia 1 de agosto começaram a desembarcar os inglezes na bahia de Lavos, junto de Buarcos, ao sul da foz do Mondego.

A insurreição portugueza não merecia uma grande confiança ao governo britannico; o procedimento do nosso governo, a campanha de 1801 tinham-nos desacreditado completamente na Inglaterra. A Hespanha não gosava de melhor reputação; mas a victoria de Baylen, o primeiro formidavel revez que se infligira ás armas imperiaes, produzira uma reacção em favor dos hespanhoes, que fôra como todas as reacções muito além do justo. O valor hespanhol era exaltado extraordinariamente, julgava-se que a fortuna de Baylen sempre os acompanharia, e que o valor dos seus guerrilheiros seria sufficiente para destruir os disciplinados batalhões do imperador. Esta illusão custou aos inglezes centenas de milhares de espingardas, canhões, dinheiro, e a perda do exercito do general Moore. Os hespanhoes nunca mais se en-

contraram com os francezes em campo de batalha que não fossem espantosamente batidos. As armas com que os inglezes os presenteavam foram enriquecer os arsenaes do imperio francez, e, sem se contestar a bravura dos nossos visinhos, teve de se reconhecer que não basta para compensar a falta de disciplina.

Em 1808 ainda o gabinete inglez depositava grande confiança na insurreição hespanhola, e todos os seus desejos eram fazer desembarcar um exercito em Cadiz. Mas os nossos visinhos não acolhiam de bom grado as tropas britannicas; o movimento portuguez limpava de francezes uma grande parte do nosso littoral; havia n'esse momento uns poucos de corpos de exercito inglezes disponiveis: nove mil homens commandados por sir Arthur Wellesley que estavam destinados primeiro para uma invasão das colonias hespanholas; cinco mil homens commandados pelo general Spenser que tinham tencionado desembarcar em Cadiz; dez mil homens commandados por sir John Moore que voltavam do Baltico onde nenhuma tentativa tinham podido fazer; duas brigadas, commandadas pelos generaes Anstruther e Ackland, que estavam promptas a marchar para onde fossem necessarias. O ministerio inglez deu ordem a todos estes corpos que convergissem para a costa de Portugal, intimou o general Beresford, que ainda occupava a Madeira, a que, sem desguarnecer completamente a ilha, tomasse a mesma direcção com as tropas de que podesse dispôr, deu o commando supremo de to-

das estas forças ao tenente-general sir Hew Dalrymple, governador de Gibraltar, e nomeou sir Harry Burrard seu chefe de estado maior.

A primeira d'estas divisões que chegou ao seu destino foi a de sir Arthur Wellesley; passando por diante de Corunha deixou á junta insurreccional da Galliza um subsidio de duzentas mil libras, e, passando por diante do Porto, conferenciou com o bispo, que lhe prometteu auxilio de tropas portuguezas. A noticia da chegada de Wellesley, que não tardou a ser reforçado pelos cinco mil homens de Spenser, encheu de alegria o paiz. O auxilio de um exercito disciplinado estava-se tornando indispensavel; a anarchia principiava a neutralisar o heroismo das insurreições. Como os soldados de Cadmo, os guerrilheiros brotavam do solo onde semeara os dentes o dragão da tyrannia invasora, mas, tambem como os soldados de Cadmo, dilaceravam-se uns aos outros. O movimento portuguez ia suicidar-se por falta de disciplina. Passavam-se a cada instante as mais deploraveis scenas no Porto, onde o bispo antes animava do que reprimia os tumultuarios, em Bragança, onde os soldados de cavallaria 12, acabada de reorganisar, matavam o seu commandante, em Vizeu, onde era a plebe que dominava prendendo as autoridades, e praticando toda a especie de desatinos, em Villa Nova de Fozcôa, em Guimarães, e em muitas outras terras do Minho, Traz-os-Montes e Beira.

Os inglezes, se não encontravam aqui a decidida hostilidade que os repellia na Hespanha, se eram

pelo contrario recebidos com enthusiasmo por quem via n'elles a sua unica esperança de salvação, nem por isso inspiravam sympathias nem ao povo, nem principalmente aos seus chefes que sempre se receiavam do espirito de dominação ingenuo nos nossos alliados. Por isso tambem, apouas Wellesley desembarcou, rebentaram logo discordias entre elle e os generaes portuguezes Manuel Pinto Bacellar e Bernardim Freire de Andrade, encarregados pela junta do Porto de lhe apoiarem os movimentos.

O motivo d'estes dissentimentos era facil de imaginar. Os inglezes vinham a Portugal tratar dos seus interesses e não dos dos seus alliados, queriam portanto segurar aqui um ponto de desembarque, tomar Lisboa que era para elles o essencial, e, em caso de revez, ter a seu alcance a esquadra para se refugiarem n'ella. N'esta ultima hypothese, pouco lhes importava a desastrosa posição em que ficariam as tropas portuguezas, que ao seu lado combatessem. Bacellar e Bernardim Freire queriam que os inglezes auxiliassem seriamente a insurreição, internando-se no paiz, e ligando entre si as forças do norte e as forças do sul. Wellesley não accedeu; depois de umas conferencias bastante aeres, Bernardim Freire e Bacellar abandonaram os inglezes, que marcharam sobre Lisboa pelo littoral, acompanhados apenas por dois mil e tantos soldados portuguezes.

Foi então que se mostrou que, se eram fracos os talentos politicos e administrativos do duque de

Abrantes, não eram muito superiores os seus talentos militares. Assim que soube do desembarque dos inglezes, chamou Loison de Alemtejo, é certo, e ordenou um movimento de concentração, mas, em lugar de juntar o seu exercito, deixar em Lisboa uma guarnição que pudesse domar qualquer tentativa de revolta, e lançar os inglezes rapidamente ao mar, perdeu um grande numero de soldados em guarnições inuteis n'aquelle momento supremo, e enviou ao encontro dos inglezes o general Delaborde com seis mil homens, quando Wellesley dispunha de quatorze mil, que succumbiriam de certo ao ataque impetuoso de dezeseite ou dezoito mil francezes que Junot podia reunir sem custo no campo de batalha da Roliça.

Ter sempre forças mais numerosas no momento decisivo e no ponto importante eis o segredo da maravilhosa tactica de Napoleão, e a rapidez dos movimentos o segredo da sua prodigiosa estrategia. Nem Junot nem os seus subordinados se mostraram dignos discipulos do grande imperador; Junot perdia em Lisboa a occasião de infligir aos inglezes uma derrota cruel, Loison marchava com todo o vagar de Abrantes para Otta, aonde chegava no dia 17 de agosto, quando a 14 d'esse mez já devia estar em Alcoentre para se ligar com Delaborde. O resultado de tudo isto foi que este general teve que sustentar no dia 17 de agosto o pezo das forças britannicas. O combate da Roliça foi muito honroso para as armas francezas. Ameaçados a cada instante de ser envolvidos pelas tres columnas de

sir Arthur Wellesley, que aproveitava a sua grande superioridade numerica, os soldados de Delaborde sustentaram-se apesar d'isso com rara intrepidez em tres posições successivas, Roliça, Columbeira, e Zambujeiro dos Carros, e retiraram em boa ordem pela estrada de Torres-Vedras, quando, vendo-se completamente isolados, em presença de um inimigo que tinha mais do dobro da sua força, perderam completamente a esperança de poder demorar a marcha dos inglezes. Foi em Torres-Vedras, e no dia 18 de agosto, immediato ao da batalha da Roliça, que se reuniram aos seis mil homens de Delaborde, que retiravam sem ser perseguidos, os seis mil homens de Loison que vinham do Alemtejo, e os dois mil e tantos de Junot que saía de Lisboa. Se Junot não tivesse querido festejar na capital o anniversario do imperador, se Loison não tivesse mostrado de subito uma indolencia inexplicavel, a batalha da Roliça não se daria nas condições em que se deu.

Mas Junot comprehendia tão pouco a situação que não via que cada momento perdido lhe era prejudicial a elle e favoravel aos inglezes. As brigadas Anstruther e Ackland estavam para desembarcar; já se approximavam das costas de Portugal, pelo norte a divisão de sir John Moore, pelo sul as tropas de Beresford que vinham da Madeira. A situação de Wellesley, na Roliça, privado de todos estes reforços, podia ser tão perigosa que o general inglez, sem pensar em perseguir Delaborde, seguiu pelo caminho da Lourinhã, a fim de se approximar

da costa, e pôr-se debaixo da protecção da esquadra. Se Junot o persegue immediatamente com os seus quatorze mil homens, ainda o podia collocar em posição critica. Mas perdeu loucamente dois dias em Torres-Vedras, ao passo que Wellesley se ia postar no Vimeiro, onde apoiava a sua esquerda, apoiando a direita na praia da Maceira, protegida pelo fogo da esquadra ingleza. Alli recebeu com todo o socego reforços que lhe vieram, e da estranha inacção de Junot resultou que no dia 17 Delaborde teve na Roliça seis mil homens contra perto de quatorze mil, quando podia ter quatorze mil tambem, se Junot, em vez de festejar em Lisboa o dia 15 de agosto, o aproveitasse em marchar, e depois que no dia 21 teve o duque de Abrantes de se bater com quatorze mil homens escassos contra vinte e oito mil duzentos e noventa e um inglezes e portuguezes, quando, se não fossem os dias de demora em Torres-Vedras, combateria com os seus quatorze mil homens contra treze mil quatro centos e setenta soldados que eram os que Wellesley commandava no dia 18, desfalcadas as perdas da batalha da Roliça.

Mas não só Junot ia ter contra si a superioridade do numero, como tambem ia atacar loucamente magnificas posições em que Wellesley, com a habilidade que sempre o distinguiu para escolher linhas defensivas, postara as suas tropas.

Foi no dia 21 a batalha, que é conhecida pelo nome de batalha do Vimeiro. Atacou impetuosamente Delaborde as posições da direita do inimigo,

mas este, superior em força, bem postado, e podendo desenvolver na resistencia as qualidades, solidas mais do que brilhantes, que distinguem os soldados inglezes, repelliu sempre os ataques de Delaborde, que umas poucas de vezes voltou á carga. Ao mesmo tempo os generaes Brenier e Solignac eram egualmente repellidos pela esquerda ingleza.

Em toda a parte encontravam os assaltantes tres linhas profundas de soldados inabalaveis, que oppunham aos seus esforços como que uma triplice muralha de ferro.

Tendo deixado nas mãos do inimigo treze canhões, e uma grande parte das bagagens, Junot retirou para Torres Vedras protegido contra a perseguição dos vencedores pela sua cavallaria, que destroçara n'uma carga brilhante os dragões inglezes.

A perda successiva de duas batalhas, o crescente augmento das forças britannicas, o exito da insurreição nacional aconselharam Junot a negociar uma convenção, que o livrasse do passo difficil em que estava. Kellermann foi ao quartel general inglez tratar da conclusão de um armistício, que se assignou no dia 23 de agosto, obrigando-se o novo general em chefe do exercito britannico, sir Hew Dalrymple, a fazer respeitar esse armistício pelas tropas portuguezas. No dia 30 de agosto assignou-se em Cintra a celebre convenção, honrosissima para os francezes, que estipulava que entregariam aos vencedores as fortalezas de que estavam de posse, que seriam transportados com armas e ba-

gagens para a sua patria a bordo de navios inglezes, sem condição de especie alguma, e que garantia tambem não só a tranquillidade dos francezes que residiam em Portugal, como a dos portuguezes que tinham seguido o seu partido.

Apenas esta convenção foi conhecida, levantou-se contra ella um clamor unisono em Portugal e na Inglaterra. Aqui os generaes portuguezes protestavam contra a insolencia, com que os seus alliados tinham negociado armisticio e convenção sem os ouvir, nem consultar, nem chamar ás conferencias; em Inglaterra a opinião publica revoltava-se contra a suavidade das condições impostas aos vencidos. Allegavam os signatarios inglezes que Junot ameaçara arrazar Lisboa, se a convenção não se assignasse. Pouco importaria isso aos nossos alliados; mas o que é certo é que Junot, com a impetuosidade que o caracterisava, ameaçara romper as negociações e defender-se palmo a palmo nas ruas de Lisboa, arrazando tudo o que fosse sendo obrigado a abandonar.

O duque de Abrantes, inhabil general, mas heroico soldado, era capaz de executar a sua ameaça, e a perspectiva não sorria aos generaes inglezes, que não queriam arriscar o fructo das suas victorias, quando principalmente se tratava só do sacrificar os interesses do seu alliado. Por isso nem se estipulou indemnisação para Portugal, saqueado pelos francezes, nem se tratou de obter a reintegração na sua patria da legião lusitana, nem se pensou em arrancar aos generaes de Junot o fructo

das suas rapinas, que descaradamente transportaram comsigo para bordo dos navios inglezes. Comtudo sobre os generaes signatarios da convenção de Cintra caiu o desfavor do ministerio inglez, desfavor mais ou menos passageiro. Sir Arthur Wellesley deveu á propicia estrella, que nunca o desamparou, a fortuna de exercer o commando em quanto se ganharam victorias, e de o ceder ao general em chefe sir Hew Dalrymple no dia seguinte ao da batalha do Vimeiro, e quando ia assumir a terrivel responsabilidade da convenção. Por isso Dalrymple nunca mais exerceu commando, Wellesley, depois de estar menos de um anno ausente do exercito, voltou a exercer o commando supremo, que o devia tornar tão celebre e eleva-lo ao fastigio da gloria, da riqueza e do poder.

Não foi esse ainda o unico dissabor dos portuguezes; o sentimento nacional irritou-se vendo tremular a bandeira ingleza no castello de S. Jorge. O motivo allegado era comtudo razoavel. Estava no Tejo uma esquadra russa commandada pelo almirante Siniavin; apezar de serem alliados dos francezes, os russos nunca tinham querido auxiliar Junot, declarando que o czar não estava em guerra com Portugal. Se Lisboa não fosse considerada por alguns dias cidade ingleza, Siniavin, fundando-se na neutralidade que mantivera, sairia incolume. Para ser forçado a capitular tambem, era indispensavel que a bandeira britannica projectasse a sua sombra no Tejo, e que o almirante russo visse bem que estava em aguas inimigas.

Entretanto os soldados francezes concentravam-se em Lisboa, e despediam-se cruelmente de nós. As suas sentinellas faziam fogo sem piedade, assim que viam approximar-se algum habitante das praças onde acampavam. Embarcaram emfim no dia 15 de setembro, e os portuguezes, se se viam livres com jubilo da dominação estrangeira, não poderam occultar o seu desgosto, ao presenciar o embarque tranquillo e orgulhoso dos seus tyrannos, que levavam comsigo todo o fructo dos seus roubos. Não succedeu o mesmo no Porto. Ahi a população amotinou-se, chegou a ir assaltar os navios onde embarcara a guarnição franceza de Almeida, e o seu commandante viu-se forçado a consentir que lhe revistassem as bagagens, sendo-lhe arrancadas as preciosidades, que levava comsigo como suprema consolação.

Estava terminada a primeira invasão franceza. Se as armas britannicas nos tinham libertado, é certo que o primeiro elemento da victoria fôra a heroica insurreição do povo portuguez. Sem ella não teriam os inglezes um tranquillo desembarque, sem ella não estariam disseminadas pelo paiz as forças francezas. O intrepido levantamento do povo restringia o dominio de Junot ao terreno onde se projectava a sombra das suas bayonetas. A fraqueza do principe fôra resgatada pelo heroismo do povo; tinham voltado os tempos de Aljubarrota! os camponezes que punham em fuga Loison eram os legitimos descendentes d'esses populares, que, mal armados e *ventres ao sol*, segundo a energica

e pittoresca expressão de Fernão Lopes, tomavam de assalto os castellos onde tremulava a bandeira castelhana. Não faltavam os soldados do mestre de Aviz: faltava apenas... D. João I.

### III

A regencia Dalrymple — O bispo do Porto — Reacção anti-jacobina — Denuncias, perseguições, tumultos — A guerra de Hespanha — Derrota dos inglezes na Corunha — Sir John Craddock em Lisboa — Entrada de Soult em Portugal — Defeza do rio Minho — Os tumultuarios do exercito de Silveira — Perda de Chaves — Assassinio de Bernardim Freire — Entrada dos francezes em Braga — Tomada do Porto — A catastrophe da ponte — A realleza sonhada por Soult — Defeza da ponte de Amarante — O marechal Beresford — Reorganisação do exercito portuguez — Entrada em campanha do exercito anglo-luso — Surpreza dos francezes — Passagem do Douro por Wellesley — Marcha de Beresford — Retirada de Loison — Retirada de Soult — Fim da segunda invasão franceza.

Não se podia suppôr que Napoleão desistisse da conquista de Portugal, tanto mais quanto lhe era ella indispensavel para se manter em Hespanha, sem receio de ser tomado de flanco pelos exercitos inglezes. Tornava-se necessario portanto organizar militarmente o paiz, para se manter a independência que tão heroicamente se reconquistara. Mas antes de tudo tambem se precisava de se estabelecer um governo central, a que obedecessem as juntas provinciaes. Não dera a esse respeito o principe regente as mais leves instrucções; como já não pen-

sava em Portugal, nem queria incommodar-se com os embaraços da luta européa, não fizera ajuste algum com o governo inglez, de modo a salvar guardar os seus direitos e a sua autoridade no paiz onde iam combater os exercitos da Grã-Bretanha, nem enviara ordens aos seus fieis subditos, da mesma forma que lhes não enviava soccorros. Portanto em Portugal, livre dos francezes, estavam apenas de pé duas autoridades, a do general em chefe do exercito inglez que libertara o reino, e a das juntas provinciaes que tinham dirigido a insurreição, e entre ellas principalmente a do Porto, como a mais poderosa, e como aquella que se entendera directamente com o general britannico. Queria esta ultima assumir o governo supremo; mas entendeu o general Dalrymple que devia simplesmente restituir os poderes á regencia que o principe D. João deixara em Lisboa, e que Junot demittira. Promptamente reconheceram a sua autoridade as juntas provinciaes, dissolvendo-se logo, e dando assim uma honrosa prova de abnegação e de patriotismo.

A junta do Porto, ou antes o bispo seu presidente, mostrou-se porém magoada com a resolução do general inglez. Julgava ter conquistado o direito de dirigir o paiz, agora que essa direcção era uma recompensa, ella que não hesitara em a assumir quando era apenas um perigo. Accusava a regencia de Lisboa de se ter curvado humildemente ao mando de Junot. Excitava assim as paixões que naturalmente se accendem no animo dos povos, que acabam de se ver livres d'uma compressão iniqua.

Brota sempre uma inevitavel reacção, e a obediencia ao governo caído torna-se nos altos funcionarios como que uma complicitade na tyrannia. A essas manifestações da opinião publica foi indispensavel sacrificar senão todos os membros da regencia, pelo menos aquelles, que, não se limitando a permanecer no governo até que Junot os demittisse, tinham ainda accettato cargos das mãos do invasor. Taes eram o principal Castro (irmão do bispo do Porto), D. Pedro de Mello Breyner e o conde de Sampaio. Estes foram substituidos pelo marquez das Minas, D. Miguel Pereira Forjaz e o bispo do Porto, que fôra além d'isso nomeado patriarcha de Lisboa. Assim procurava a regencia abrandar-lhe o resentimento. Um outro membro da regencia, que o principe D. João nomeara, estava impossibilitado de reassumir as suas funcções, porque, tendo ido a Bayona na deputação enviada ao imperador, ficara prisioneiro em França. Era o marquez de Abrantes. Foi substituido pelo conde de Castromarim, já marquez de Olhão, mas que ainda não tinha conhecimento da mercê que se lhe fizera. Esta regencia, estygmatisada com o nome de *regencia Dalrymple*, por ter sido feitura do general inglez, foi comtudo obedecida, em primeiro logar porque as vontades de sir Hew tinham de ser respeitadas, em segundo logar porque não tardou a ser confirmada a sua nomeação pelo governo do Rio de Janeiro. O bispo do Porto é que se não resignou facilmente, e mostrou o seu descontentamento, não vindo assumir as suas funcções de mem-

bro do governo e de patriarcha senão mais de seis mezes depois da sua nomeação.

Dois sentimentos poderosos dominavam n'esse momento as populações; um era a reacção contra os francezes e os seus partidarios, outro era o entusiasmo pela resistencia. Em Lisboa tumultuava a plebe, accusando de *jacobinismo* aquelles, que os chefes dos motins, por quaesquer motivos torpes, designavam ás suas iras. Os francezes, aqui residentes, não estavam em segurança em Lisboa, e a regencia, não se julgando capaz de cumprir o artigo da convenção de Cintra que estipulava a segurança de suas pessoas e bens, viu-se obrigada a fazel-os sair de Lisboa. O proprio exercito inglez teve de intervir, pondo peças nas embocaduras das ruas para conter os tumultos, que por mais de uma vez contra os inglezes eram dirigidos, porque os nossos alliados não nos impunham com os aboletamentos menos vexames e violencias do que nos tinham imposto os nossos inimigos. Os governadores do reino, se por um lado procuravam reprimir os desatinos da plebe, por outro lado, deixando-se arrastar por paixões odientas e tambem pelo desejo de se livrarem do estygma de *jacobinismo* que pezava sobre alguns d'elles, incitavam-lhe os excessos, tanto pelo edital do intendente da policia que provocava o povo a denunciar os jacobinos, como pela systematica perseguição que intentara contra os homens conhecidos por terem idéas liberaes, e principalmente contra os affiliados na maçonaria. A reacção contra os invasores, nobre reacção do

sentimento nacional, ia-se transformando assim na reacção absolutista e theocratica contra as idéas francezas de egualdade e liberdade, que os officiaes de Junot, muitos d'elles antigos republicanos, aqui tinham desenvolvido.

O que tornava mais grave a situação de Lisboa era o decreto que pozera em armas toda a população masculina valida, dividindo-a em dezeseis legiões, que, em vez de manterem a policia, eram elemento de desordem antes de o serem de resistencia ao inimigo. Este decreto fôra consequencia de outro de 11 de dezembro de 1808, que ordenava o levantamento em massa. Essas ordens do governo é que encontravam prompta obediencia. O sentimento nacional estava excitado em supremo grau. O exercito de primeira linha reorganisava-se com presteza, apezar da falta que havia de armas, de munições e de dinheiro; todas as pessoas abastadas concorriam com avultados dons para a santa causa da independencia. Distribuiam-se os commandos, creavam-se seis batalhões de caçadores, restabeleciam-se os vinte e quatro regimentos de infantaria, os doze de cavallaria e os quatro de artilharia, creados pela organisação militar de 1806. Mas infelizmente essas tropas eram bisonhas, collecticias, e não tinhamos general que soubesse disciplinal-as e adestral-as. A unica força com que se podia contar era a leal legião lusitana<sup>1</sup>, que se organisara em Londres com os emigrados portugue-

<sup>1</sup> Intitulou-se *leal* para se distinguir da legião lusitana que servia no exercito francez.

zes que podiam escapar á tyrannia de Junot, e que era commandada por bons officiaes britannicos, taes como Wilson e Mayne. É certo pois que, apezar de todos os esforços, era-nos ainda indispensavel o auxilio do exercito inglez para resistirmos a Napoleão. Desajudados, não podiamos fazer senão a guerra terrivel, mas inefficaz, das guerrilhas. Ora n'esse momento ainda critico ia-nos faltar tão necessario auxilio. A opinião publica em Inglaterra acha-se perfeitamente reflectida nos magnificos versos de lord Byron. O entusiasmo pela resistencia hespanhola, e o desprezo pela insurreição portugueza eram os sentimentos predominantes no publico inglez. Como nos versos do poeta, fazia-se uma differença enorme entre o *altivo castelhano* e o *lusitano escravo*.

O heroismo de Saragoça e os successos de Baylen inspiravam admiraveis estrophes ao sombrio Childe-Harold; Portugal só lhe inspirava desprezo. Assim pensava a Inglaterra. Foram necessarios o desastre da Corunha e a retirada de Talavera para lhe mostrar o que valiam em campina rasa os hespanhoes.

Ainda não soara porém a hora do desengano, e sir John Moore, tomando o commando do exercito inglez de Portugal, internava-se na Hespanha, deixando em Lisboa menos de dez mil homens, commandados por sir John Craddock. Fiava-se no apoio dos exercitos hespanhoes. Deixaram-se porém estes derrotar com tal rapidez, que ainda mal sir John Moore tinha feito algumas marchas em

Hespanha, e já estava exposto a ser cortado de Portugal pelos francezes victoriosos.

Digamos rapidamente o que succedera na Hespanha, desde que Napoleão, arrancando em Bayona a Carlos IV e a Fernando VII uma abdição forçada, chamara seu irmão José do throno de Nápoles, onde dois annos antes o assentara, para o throno mais opulento dos reis catholicos.

Apenas a infame comedia de Bayona fôra conhecida, a Hespanha, já surdamente indignada com a presença dos exercitos francezes, correu ás armas; Madrid sublevou-se no celebre dia 2 de maio, e Murat viu-se obrigado a affogar em sangue a insurreição. Comtudo pouco difficil foi aos exercitos francezes domar por toda a parte a revolta; as pessimas tropas da Hespanha eram sempre destroçadas; Bessieres infligia-lhes em Rio-Secco uma terrivel derrota, Dupont dispersava-as na ponte de Alcoléa, mas, internando-se na Andaluzia, manobrava mal, deixava-se cercar em Baylen com o seu exercito enfraquecido pelo cansasso, pelos ardores do sol do meio dia e pelas febres, e rendia-se á discrição. Esta inesperada victoria enchia de entusiasmo os hespanhoes, de assombro a Europa, e forçava os outros exercitos francezes a um movimento retrogrado. Pouco duraram os jubilos do triumpho. Napoleão veiu em pessoa á Hespanha com poderosos reforços; n'um momento os exercitos hespanhoes foram envolvidos pelos logares-tenentes do imperador e batidos em Zornoza, em Gamonal, em Espinosa, em Cardedeu. O im-

perador marchava sobre Madrid, passando em Somosierra por cima do corpo dos inimigos que procuravam detel-o. Depois, sem perder tempo, que era esse um dos segredos do seu genio, fazia convergir as suas tropas contra os inglezes e ameaçava cortal-os de Portugal. Surprehendido por esta fulminante serie de victorias, não esperando chegar a tempo ao Minho, sir John Moore mudou a sua linha de retirada, e poz-se precipitadamente em marcha para a Corunha onde esperava embarcar. Foi desastroso esse movimento, metade do exercito ficou pelas estradas, e, se os successos da Europa, as ameaças de guerra com a Austria não chamam o imperador a Paris, se é elle e não Sout quem se encarrega de completar a perseguição, é mais que provavel que o exercito inglez fosse obrigado a depôr as armas. Ainda assim essa deploravel retirada terminou com a derrota da Corunha, em que morreu o proprio sir John Moore, e a esquadra ingleza transportou para a sua patria as miseras reliquias d'esse exercito que ganhara ao lado dos portuguezes as batalhas da Roliça e do Vimeiro, e que fôra emfim ser aniquilado a Hespanha!

Mas o desastre de sir John Moore ia ter para nós as mais terriveis consequencias. Ficava-nos aberta a fronteira, e Sout, depois de ter obrigado os inglezes a embarcarem, voltava de certo contra Portugal as suas forças victoriosas. Eram essas as ordens que recebera de Napoleão. Por isso tambem havia grande terror em Lisboa; sir John

Craddock pensava já em embarcar com os seus soldados, e os governadores do reino procuravam apressar, quanto podiam, a organização das tropas nacionaes. Estavamos effectivamente em serio perigo; o marechal Victor, depois de derrotar mais uma vez o duque do Infantado em Uclés, marchava sobre a Estremadura hespanhola e parecia ameaçar o nosso Alemtejo. Uma das divisões do seu corpo de exercito, a divisão Lapisse, manobrando em Salamanca, parecia tambem que nos ameaçava de uma invasão pela Beira; Soult marchava sobre o Minho. Para resistir á invasão, tinhamos apenas no Alemtejo um punhado de tropas collecticias, commandadas pelo general Francisco de Paula Leite, na Beira uma parte da leal legião lusitana, debaixo do commando do seu coronel Roberto Wilson; o general Silveira commandava as tropas de Trazos-Montes, as do Minho estavam debaixo do commando de Bernardim Freire de Andrade. Entre todas estas forças não havia ao todo quatro mil homens bem disciplinados e organizados, capazes portanto de resistir aos veteranos de Austerlitz e de Friedland.

Salvou-nos o desprezo que tinham por nós os francezes, da mesma fórma que nos ia perdendo o desprezo que os inglezes nos votavam. Napoleão entendera que, privados do exercito de sir John Moore, não podiamos oppôr a minima resistencia ás suas tropas, e, julgando rapida e facillima a conquista de Portugal, ordenara a Soult que, assim que chegasse a Lisboa, enviasse uma divisão

a Victor para este operar contra os exercitos hespanhoes. De fórma que Victor, em vez de invadir o Alemtejo para socorrer Soult, esperava os socorros de Soult para invadir a Andaluzia. Lapisse, em vez de entrar na Beira para se unir a Soult, marchara a unir-se a Victor, que, antes de receber esse reforço, já destroçara com a maior facilidade em Medellin o exercito hespanhol de D. Gregorio de la Cuesta. Tambem os francezes pagaram caro esse desprezo. A retirada de Soult para Orense, que foi quasi tão desastrosa como a retirada de Moore para a Corunha, ensinou-lhes a tomar d'ahi por diante mais precauções, quando tentassem a invasão de Portugal.

A primeira difficuldade, que o marechal Soult encontrou na sua marcha, foi a passagem do rio Minho. Imaginou atravessal-o proximo da embocadura, mas um batalhão portuguez do 21 de infantaria, commandado pelo tenente-coronel Champalimaud, por tal modo lhe molestou as tropas, que, juntando-se a isso a força da corrente que arrasava os barcos tornando difficulosissima a passagem, desistiu Soult do seu intento, não sem ter deixado nas mãos dos portuguezes uns cincoenta soldados, que, tendo conseguido atravessar o Minho, e achando-se isolados na margem esquerda, foram obrigados a render-se. Passava-se isto no dia 16 de fevereiro, e o successo da resistencia por tal modo enthusiasinou os portuguezes, que a população corria toda á margem do Minho, preparando-se para disputar a passagem com energia; mas

Soult passou o rio na Galliza, proximo da nascente, e invadiu Portugal pela provincia de Traz-os-Montes. Com facilidade repelliu as tropas do general Silveira, tanto mais que o marquez de la Romana, com os restos do seu exercito que ainda eram de dezeseis mil homens, depois de ter promettido auxiliar-nos, não ousou esperar os francezes, e preferiu andar pela Galliza e Leão durante todo o anno de 1809, fazendo guerra de guerrilhas, e fugindo logo que apparecia uma brigada de Ney, que fôra encarregado por Napoleão de manter na obediencia as provincias do noroeste da Hespanha.

O general Silveira, assim desamparado, determinou retirar diante de Soult, mas a indisciplina das suas tropas e a anarchia das turbas armadas que se lhe aggregavam obrigou-o a deixar em Chaves uma forte guarnição, porque uns turbulentos, vendo que elle queria desamparar a praça, começaram a soltar gritos de « traidor » e a prometter que saberiam deter diante dos muros de Chaves todo o exercito francez. Como sempre succede, os anarchistas, que sabem matar os seus generaes e accusal-os de pusillanimidade, são sempre os mais pusillanimes diante do inimigo. Chaves rendeu-se a Soult, sem disparar um tiro, e a sua guarnição caiu toda prizioneira de guerra. Silveira entretanto, retirando para as montanhas, deixava livres aos francezes as duas estradas do Porto, a de Villa-Real e a de Braga. Foi esta ultima a que Soult escolheu; não só porque era melhor para a artilheria, mas tambem porque elle não queria deixar

atrás de si as turbas armadas de Bernardim Freire.

O Minho achava-se n'aquelle estado de exaltação em que o patriotismo se desvaira, e em que as más paixões, começando a explorá-lo, o tornam mais fatal do que proveitoso. É então que o povo chama traidores aos homens que o querem disciplinar, aproveitando-lhe a bravura; é então que elle suppõe que, arrojando-se loucamente ao inimigo, póde destruir os mais solidos batalhões; e é também então que os desenganos do campo de batalha dão origem a umas reacções violentas, e fazem com que o povo espumante da vespera, os exaltados patriotas, os temerarios que não querem que se retroceda um passo ainda que seja para se escolher posição, abandonem com a maior facilidade as suas armas, e fujam, fulminados por um terror panico tão intenso como a sua exaltação ephemera. As leis eternas, que regem o mundo moral, semelhantes ás que regem o mundo physico, e quasi sempre tão infalliveis como ellas, fazem com que estes mesmos factos se repitam a cada instante na historia, sem que aproveite aos filhos a lição que receberam os paes!

Bernardim Freire não exercia imperio nem no povo armado que commettia por toda a parte os maiores desatinos, nem nas suas tropas, que lhe pediam voz em grita que as levasse ao inimigo, e que tumultuavam em torno d'elle desordenadas e insolentes. Esperanças de deter os francezes... desde o principio só bem frouxas as tinha; mas perdeu-as de todo, quando soube o modo como Soult entrara em

Chaves a 12 de março de 1809, e como destroçara facilmente as forças, que por sua ordem defendiam os passos de Ruivães e Salamonde. As noticias d'estes desastres e da aproximação dos francezes desvairaram verdadeiramente o povo e a tropa. Bernardim Freire a custo pôde voltar para Braga, onde entrou no dia 17, mas quando, vendo a impossibilidade de se defender allí, começou a retirar na direcção do Porto, o furor da turba não conheceu limites. Eram desobedecidas as suas ordens, insultada a sua pessoa, e as milicias de Tabosa, mais descomedidas, prenderam-n'o e levaram-n'o para Braga. Estavam desencadeiadas, infrenes todas as más paixões; confundia-se com o fanatismo patriótico o fanatismo religioso. As prédicas dos frades inflammavam a indole selvagem do povo. Apenas tiveram nas mãos o general, esse instincto de feras que vive no fundo das almas da multidão, e que ruge ás soltas quando paixões communs a inflammam, despertou com energia. Debalde um official hanoveriano, o barão d'Eben, tentou salvar o seu infeliz chefe. Aos insultos succederam os máos tratos, ás pancadas os golpes, e d'ahi a pouco o desgraçado Bernardim Freire era dilacerado por esses tigres sem dó. O cheiro do sangue accendeu, como sempre succede, a febre da matança.

Muitos outros officiaes foram vilmente trucidados, e entretanto a multidão, que deshonorava com o assassinio a resistencia patriótica, nem ao menos sabia morrer pela patria, e fugia em Carvalho d'Este

diante dos francezes de Soult. O barão d'Eben a custo podia guiar algumas tropas na direcção do Porto. Ainda assim o general francez gastara dois dias diante de Braga; tambem na passagem do Ave fizeram algumas tropas portuguezas uma brilhante resistencia, mas, superando estes debeis esforços, Soult conseguiu apresentar-se diante do Porto no dia 24 de março.

Era terrivel o espectaculo que offerecia a segunda cidade do reino; as scenas de Chaves e de Braga repetiam-se alli ainda em maior escala. A plebe tumultuava á solta nas ruas, e commettia as maiores barbaridades presenciadas com indifferença pelo bispo, que exercia de facto o governo supremo.

A accusação de jacobinismo estava sendo uma sentença de morte lavrada e executada summariamente por uma especie de tribunal revolucionario, que a mesma plebe improvisara na rua do Olival. Assim foi morto e arrastado pelas ruas o brigadeiro Luiz de Oliveira, que estava na cadeia por ter restabelecido o governo francez no Porto depois do pronunciamento de 6 de junho. As prizões arrombadas davam aos tumultuarios o reforço dos assassinos que saiam para a rua, e entregavam á sua ferocidade os infelizes prezos politicos. Preparativos militares ninguem os fazia; mais de vinte e quatro mil homens armados estavam dentro das muralhas do Porto; poucos eram os de primeira linha, e entre esses mesmos só se podia contar com um batalhão da leal legião lusitana. Duzentas peças guarneciam as baterias, mas o bispo, omnipotente

no espirito da plebe, deixava-a encher de terror a cidade, e não se lembrava de a empregar em levantar á pressa n'essas baterias parapeitos que resguardassem os seus defensores.

Todos os homens sensatos previam a queda da cidade, e receiavam as represalias do vencedor, porque o povo não respeitava os parlamentarios, e o celebre general Foy, o brilhante historiador da guerra peninsular, a custo foi salvo das mãos dos furiosos. Tres dias durou ainda assim o ataque dos francezes, mas a 29 de março penetraram na cidade, pelo lado da bateria da Prelada, levando essa noticia o terror ás outras baterias, cujos defensores fugiram, assassinando ainda na fuga um dos seus generaes.

O quadro, que a isto se seguiu, foi verdadeiramente afflictivo. O bispo já se pozera a salvo, e fôra estabelecer na serra do Pilar uma bateria que mais prejudicava os portuenses do que os inimigos. Os dragões de Delaborde percorriam a galope as ruas da cidade, acutilando os fugitivos que se precipitavam na direcção da ponte de barcas, que então ligava o Porto com Villa Nova de Gaya. Alli os esperava então mais horroroso desastre. Ou porque um dos alçapões se rompesse, ou porque o tivessem levantado os primeiros fugitivos, para cortar o caminho aos francezes, o que é certo é que de subito souo nos ares um brado horrendo, composto de cem gritos d'afflicção. Baqueavam no Douro as primeiras victimas; a multidão, sem perceber o que se passava, desvairada pelo terror, impellin-

do-se a si mesma, atropellada pela cavallaria portugueza, que, fugindo, abria caminho á cutilada, ia incessantemente sumir-se na escancarada voragem. A artilharia da Serra do Pilar troava de continuo, e as suas balas empregavam-se tambem na turba que fugia. Com a pressão dos que se retraiam da abertura, abateu um dos parapeitos da ponte, accrescentando novo horror ao quadro. Por outro lado viravam-se no rio botes carregados de gente. Era um concerto horrisono o de tantos gritos de agonia! Era um espectaculo terrivel o d'essa catastrophe immensa, em que triumphava a morte debaixo das mais diversas formas!

Tal era o quadro, que os francezes, que vinham no encalço da turba, pararam assombrados, e só pensaram em salvar os infelizes! N'um momento repararam a ponte lançando pranchas sobre o abysmo, correram a Villa Nova de Gaya, e á serra do Pilar, onde logo fizeram emmudecer a artilharia. Mas já eram innumeradas as victimas; alguns as calcularam em vinte mil; ainda que façamos muito mais modesto o computo, sempre encontraremos uma d'essas catastrophes tremendas, que para sempre enlutam os annos de uma cidade ou de um povo. Este desastre projecta uma negra sombra no quadro da guerra peninsular, enche de tragico horror esta bellicosa epopéa.

Soult estabeleceu-se no Porto, estendendo as suas guardas avançadas até ás margens do Vouga, e procurou, quanto possivel, cicatrizar as feridas da cidade. Estabelecendo no seu exercito uma rigorosa

disciplina, mostrando-se tolerante e affavel, conseguiu até certo ponto captar as sympathias dos portuenses. Enlevado em sonhos de ambição, que ferviam na mente de todos os generaes do imperio, Soult, sentindo-se estimado pela população, chegou a conceber a esperança de cingir a corôa portugueza. Acariciaram-lhe a idéa alguns torpes lisongeiros, que não eram compatriotas seus, e chegaram a cobrir-se de milhares de assignaturas as representações que pediam a Napoleão um rei; Soult dirigia circulares aos seus subalternos, pedindo-lhes que favorecessem esse movimento dos espiritos, Soult recebia deputações, Soult emfim pensava em tudo, menos em cumprir as ordens de seu amo, e Victor debalde o esperava na fronteira do Alemtejo.

É certo que o marechal francez gastara tanto tempo da Galliza ao Porto, perdera tanta gente n'esses ataques de aldeias, onde era facil a victoria, mas que todos os dias se renovavam, receiava tanto estender as suas linhas de operações em presença da hostilidade dos povos, que julgou necessario estabelecer-se primeiro solidamente no Porto antes de proseguir a campanha. Devia pensar porém que o objectivo da sua marcha era Lisboa, que o mais importante era pôr fóra do reino as tropas inglezas e impedir que estas se reforçassem. O habil mas vaidoso marechal adormeceu deveras nas delicias de Capua, e essas delicias foram-lhe fataes. É incontestavel que a provincia do Minho estava agitada, que o general Silveira, logo depois da

passagem de Soult, baixara das suas montanhas, sitiara e tomara Chaves, aprizionando a guarnição franceza; mas é provavel tambem que, se não fossem os regios sonhos, Soult perceberia, melhor do que percebeu, que lhe competia n'essa campanha não estabelecer-se em Portugal como Junot, mas occupar os pontos estrategicos, expulsar os inglezes, e cooperar com os outros corpos de exercito na campanha geral da península.

Mais de um mez se demorou Soult na cidade do Porto, occupando-se em subjugar o Minho e Traz-os-Montes. Os generaes divisionarios Heudelet e Lorges percorreram a fertil provincia do Minho, não sem encontrarem por toda a parte uma resistencia intrepida, tornando-se notavel a da villa de Ponte de Lima, cujo heroismo foi cruelmente punido pelos francezes com as atrocidades que lá commetteram. Silveira, senhor de Chaves desde 25 de março, fazia audaciosas correrias até ás proximidades do Porto, chegando a entrar em Penafiel, occupado por um destacamento francez. Para o reprimir pôz-se Delaborde em marcha; Silveira fortificou-se em Amarante, auxiliado pela dedicação e patriotismo dos habitantes da villa. Comtudo os francezes entraram facilmente na povoação, destroçando o povo e as tropas que a defendiam; mas, quando quizeram passar a ponte do Tamega, acharam que era mais difficil a empreza. Não se tratava já de uma batalha campal, onde é tudo a organização e a disciplina; tratava-se da conquista de uns reductos, para cuja defeza valem muito a constan-

cia, a intrepidez, e a abnegação. E tão brilhantemente desenvolveram Silveira e os seus soldados essas qualidades militares, que Delaborde, todos os dias reforçado pelos regimentos disponiveis, e depois o duque da Dalmacia (Soult) que veio tomar o commando em pessoa, quatorze dias gastaram em bombardeamento e assaltos infructiferos, e só no dia 2 de maio conseguiram atravessar a ponte, apossar-se de uma trincheira e affugentar o exercito que a defendia. Silveira retirou então, depois d'esta gloriosa defeza, cuja recordação o governo portuguez quiz perpetuar, associando-a ao nome do valente general, que elevou á dignidade de conde de Amarante; e Soult, depois de confiar a Loison as forças que deviam preservar pelo lado de Villa Real o exercito francez dos insultos dos portuguezes, voltou ao Porto, onde o esperava d'ahi a pouco tempo a mais desagradavel de todas as surpresas.

O mez, que Soult empregara em cuidar das suas ambições e em entreter o exercito com estas desnecessarias lutas, não fôra egualmente perdido nem para Portugal, nem para a Inglaterra. O governo portuguez tomara a resolução utilissima de confiar ao general Beresford o commando das suas tropas bisonhas, como outr'ora o marquez de Pombal encarregara o conde de Lippe de reorganisar e disciplinar o exercito desmoralisado e enfraquecido por sessenta annos de paz e de relaxação no serviço. Com Beresford tinham vindo uns poucos de generaes, e bastantes officiaes superiores e subal-

ternos que deviam ajudal-o na sua empreza. Sentiram-se feridos os nossos officiaes no seu amor-proprío e nos seus interesses com esta introducção de officiaes estrangeiros; mas é certo que nos prestaram os intrusos um valioso serviço. A disciplina implacavel, que introduziram, deu ao nosso exercito a consistencia que lhe faltava, e que lhe assegurou tão brilhante papel na guerra da Peninsula. Emendando os vicios inveterados da nossa organização militar, castigando sem piedade as mais leves faltas, fosse qual fosse a gerarchia do culpado, perseguindo sem tregua, e nas suas mais insignificantes manifestações, a negligencia, a tolerancia pelos abusos que foram sempre os vicios radicaes da disciplina portugueza, Beresford poz em pouco tempo o nosso exercito a par do exercito britannico, e habilitou-o a medir-se vantajosamente com as tropas francezas, ao passo que os hespanhoes, valentes sim, mas sem ordem nem disciplina, nunca se encontravam com os francezes em campo de batalha que não fossem vergonhosamente destroçados. O regimen de Beresford era sem duvida extremamente rude; tinha os excessos da disciplina britannica; mas os males do exercito eram tambem tão profundos e inveterados que precisavam, para se curar, de uma cauterisação violenta.

Emquanto Beresford aproveitava o descanso que os francezes nos davam para organizar-nos as tropas, a Inglaterra mandava para Lisboa reforços importantes, e dava a sir Arthur Wellesley o commando de um exercito, que nos fins de abril subia

já a vinte e tantos mil homens. Wellesley fôra recebido com enthusiasmo pelos lisbonenses, que não olvidavam a sua victoria do Vimeiro. Apenas chegara, combinara com Beresford um plano de operações, e, sem perda de tempo, o exercito inglez e o exercito portuguez marchavam para Coimbra, afim de abrir a campanha.

Coimbra não ficara inactiva quando soubera da presença dos francezes no Porto, e quando receiara com fundados motivos que teria tambem de repeller uma invasão. A mocidade academica alistara-se com enthusiasmo; tinham affluído voluntarios, e o coronel Trant, official inglez ao serviço de Portugal, conseguira, á frente d'essa pequena mas resoluta força, inquietar os francezes, e impedir os seus postos avançados de passar para aquem do Vouga. Tambem elles estavam mais occupados com as suas discordias intestinas do que com os movimentos do inimigo. Os sonhos ambiciosos de Soult não encontravam echos no seu exercito, e despertavam uma surda opposição que affrouxava os laços da disciplina, e que prejudicava o zelo do serviço. Este fermento de discordia acordara nas almas dos officiaes as paixões politicas adormecidas pelo prestigio pessoal do imperador; n'uns os sentimentos republicanos, n'outros os sentimentos realistas começaram a manifestar-se. Vendo o descontentamento que lavrava nas fileiras, um official atrevido, o capitão d'Argenton, concebeu o audacioso plano de depôr o marechal, de voltar a França com o exercito, de accender pelo caminho o fogo da insurreição nas

divisões da Hespanha, onde se fazia sentir mais do que nas outras a fadiga da guerra, e destthronar o imperador. Para isso precisava entender-se com o inimigo, e com tal relaxação se fazia o serviço no exercito de Soult, que Argenton pôde vir a Coimbra por mais de uma vez, e fallou emfim a Wellesley, cuja presença alli era completamente ignorada no quartel-general do Porto. Wellesley teve bom senso bastante para responder com evasivas ás loucas propostas d'Argenton, mas deduziu de tudo o que se passava que os francezes estavam embebidos em dissensões profundas, e que nada seria mais facil do que surprehendel-os. A conspiração d'Argenton foi logo descoberta, e o seu autor pouco tempo depois fuzilado; mas já era tarde, as tropas inglezas avançavam rapidamente e iam surprehender os francezes em flagrante delicto de disseminação.

Soult tinha com effeito no Porto apenas quatro mil e quinhentos homens, cinco mil e duzentos entre o Douro e o Vouga debaixo das ordens de Franceschi e outros, Loison com cinco mil e setecentos para os lados de Villa Real, dois mil e tantos guardando as suas communicções com o Porto, mil e tantos, do commando de Lorges, na provincia do Minho. Wellesley saiu de Coimbra com dezeseis mil e quinhentos homens, em que iam intercalados alguns regimentos portuguezes, no dia 9 de maio; Beresford saía ao mesmo tempo na direcção de Vizeu e Lamego com cinco mil e tantos portuguezes, que iam elevar-se a doze mil

com a adjuncção das tropas do general Silveira.

Passando o Vouga, repellindo os francezes em dois pequenos combates, em Albergaria, e em Grijó, onde o regimento portuguez, 16 de infantaria, mereceu ser elogiado na ordem do exercito, Wellesley chegou diante do Porto no dia 11. Era difficil a passagem do Douro em presença do inimigo; Wellesley ousou tental-a; os francezes tinham passado todas as barcas para a margem direita do rio, Wellesley deu ordem á divisão Murray para ir passar em Avintes. Mas um acaso providencial traz-lhe uns poucos de barcos a Villa Nova de Gaya; na manhã do dia 12 um punhado de soldados passam o rio, sem que os francezes dêem por tal, e vão estabelecer-se na magnifica posição do Seminario. Quando os francezes despertam do seu imperdoavel descuido, já ha bastantes inglezes no Porto; protege-os a artilharia postada por Wellesley na serra do Pilar; os portuenses, ebrios de alegria, aproveitam a surpresa dos seus dominadores, para levar quantos barcos encontram a Villa Nova de Gaya, passa a divisão Sherbrooke, vem a passo acelerado de Avintes a divisão Murray, e Soutl vê-se forçado a retirar, abandonando os feridos e os doentes á generosidade britannica.

Esta passagem do Douro em presença do inimigo é uma das glorias mais brilhantes da carreira militar do vencedor de Waterloo, e uma nodoa na gloria do duque da Dalmacia. A sagacidade de Wellesley torna-se aqui tão notavel como a negligencia verdadeiramente inexplicavel de Soutl.

Tencionara este retirar na direcção de Amarante para se unir a Loison, e marchar com elle para Hespanha. Mas Beresford não ficara inactivo. Os soldados portuguezes tinham passado audaciosamente o Tamega á vista do inimigo, e Loison, julgando ter na sua presença todo o exercito anglo-luso, retirara para Amarante e de Amarante para Guimarães, sem d'isso prevenir o seu general em chefe. Teve este a noticia em Penafiel, a tempo de não ir esbarrar com Beresford que lhe interceptaria a retirada. Toma logo uma resolução audaz; destróe a artilharia, queima as bagagens, faz uma súbita conversão á esquerda, mette-se pela serra de Santa Catharina, e vae direito a Guimarães; une-se-lhe ahí Loison, mais adiante aggrega-se-lhe a divisão Lorges, e, com todo o exercito junto emfim, marcha em direcção a Braga, mas já alli apparecem as columnas de Wellesley, obliqua portanto á esquerda, passa por Carvalho d'Este, quasi costeando as tropas inglezas, e chega a Salamonde. D'ahi póde seguir para Ruivães, que foi o caminho que trouxe, mas vae-se encontrar com Beresford. Então volta á esquerda, interna-se nas agruras do Barroso, tão invias como no tempo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, passa por caminhos impossiveis, atravessa pontes reparadas n'uma noite, e por baixo das quaes rugem impetuosas torrentes, e chega emfim a Orense na Galiza, tendo destruido a sua artilharia e as suas bagagens, mas tendo-se insinuado com o seu exercito, como uma cobra, por entre os apertados anneis

com que pretendiam cingil-o n'um circulo de ferro as tropas de Wellesley e as de Beresford.

Esta habil retirada que o proprio Wellesley citava depois com admiração, resgata um pouco os gravissimos erros militares, em que Soult incorreu na sua campanha de Portugal, da mesma forma que o seu procedimento benevolo e justiceiro atenua o que havia de insultante para a nossa dignidade nacional nos seus sonhos da realeza. Não quer isto dizer que os francezes não praticassem excessos tambem então, mas estiveram bem longe das tyrannias de Junot e das devastações de Massena. Loison, fiel ao seu character, consentiu que os seus soldados destruisssem tudo quanto encontravam na sua retirada de Amarante para Guimarães; como havemos de queixar-nos porém acerbamente dos nossos inimigos, quando os nossos alliados nos não tratavam melhor? O proprio Wellesley declara, nos seus officios a Castlereagh, que são inauditas as violencias que os seus soldados praticam contra um povo que os recebeu como amigos. Francezes e inglezes pizaram aos pés, quasi com o mesmo desdem e com a mesma brutalidade, esta nobre terra de Portugal.

Pois n'essa campanha começamos já a mostrar o que valiamos, e a opinião na Inglaterra ia mudando a nosso respeito, a ponto do governo inglez tomar a seu soldo dez mil portuguezes, que successivamente foram subindo até trinta mil. A defeza de Amarante, o combate de Grijó, a marcha de Beresford já honravam não só o valor, mas

tambem a disciplina dos nossos regimentos. O milagre, que o principe regente julgara impossivel, realisara-se n'um momento. A politica humilhante dos principes respondera a politica generosa dos povos. A neutralidade hypocrita, comprada a pezo d'ouro pela fraqueza dos governos, respondera a luva arrojada audaciosamente ás faces de Napoleão por um povo quasi inerme; aos calculos de egoismo a descuidosa loucura da intrepidez. Loucura santa que tinha as suas origens na dignidade nacional! Por isso não nos traíra a fortuna. O amor da independencia fizera dois prodigios; despertara uma nação do lethargo e um exercito do aviltamento.

---

---

#### IV

Fim da campanha de 1809 na peninsula — Preparativos para a campanha de 1810 — As linhas de Torres Vedras — Entrada em operações do exercito de Masséna — Tomada de Almeida — Batalha do Bussaco — A marcha de Masséna, a devastação das terras, a fuga das populações — Wellington entrincheira-se nas famosas linhas — Pasmó e inacção dos francezes — Tentativas de passagem do Tejo — Retirada de Masséna — Bloqueio de Almeida pelo exercito anglo-portuguez — Batalha de Fuentes de Oñoro — Fim da terceira invasão franceza.

Vimos que o marechal Victor esperava proximo da nossa fronteira do Alemtejo a chegada de Soult a Lisboa. A cada instante uma ordem do quartel-general de Madrid podia fazer entrar Victor em Portugal; por isso sir Arthur Wellesley, que commanda-

va em chefe o exercito anglo-portuguez, não deixara de tomar as suas precauções para qualquer incidente d'esse genero, e algumas tropas portuguezas, commandadas pelo general Miranda Henriques, e inglezas debaixo das ordens do general Mackenzie tinham ficado a cobrir Lisboa. O coronel Mayne com um batalhão da legião lusitana, e o regimento de milicias de Idanha a Nova, occupava para além da fronteira a cidade hespanhola de Alcantara, que nos servia assim de posto avançado. No dia 14 de maio Victor, n'um dos seus movimentos, repelliu essa pequena força n'um combate, em que os nossos soldados, com excepção dos milicianos da Idanha que entravam pela primeira vez em fogo, se portaram brilhantemente.

Julgou-se que este movimento de Victor seria indicio de invasão, mas não se tardou a perceber que o marechal francez quizera apenas approximar-se da linha do Tejo. Comtudo Wellesley, apenas acabou de expulsar do reino o duque da Dalmacia, voltou a Abrantes, e, attraído, apezar do exemplo de sir John Moore, pelas promessas e convites dos hespanhoes, sabendo que estes tinham reunido debaixo das ordens do general La Cuesta trinta e oito mil homens, seduzido pela esperanza de entrar como triumphador em Madrid, para o que tinha apenas de vencer o corpo de exercito de Victor, e o de Sebastiani que tempo antes ganhara a batalha de Ciudad-Real, resolveu-se a entrar em Hespanha, e a offerecer batalha em Talavera-de-la-Reyna aos dois corpos de exercito francezes com-

mandados pelo rei José em pessoa. A batalha teve de ser puramente defensiva, porque os hespanhoes debandaram vergonhosamente. Wellesley manteve-se tres dias nas suas posições e os francezes retiraram, mas o general inglez, sabendo que Soult, que promptamente se refizera da sua derrota, marchava para o Tejo a fim de o cortar de Portugal, retirou precipitadamente, de fórma que essa victoria, que fez com que o seu governo lhe outhorgasse o titulo de lord visconde de Wellington, teve as mesmas consequencias que poderia ter uma derrota.

O exercito portuguez não entrou na campanha, e ficou de reserva em Castello-Branco, tendo a satisfação de assistir de perto a mais um desengano dos inglezes, a mais um naufragio do seu entusiasmo pelos hespanhoes. Wellesley vinha furioso, e jurava não tornar a fiar-se nas promessas dos nossos visinhos. O peor foi que estes, persistindo em atacar os francezes, foram derrotados em Almonacid por Sebastiani, em Alba de Tormes por Marchand, e em Ocaña por Soult; esta ultima derrota entregou a Andaluzia ao rei José, e a junta suprema, que dirigia o movimento insurreccional, fugindo de Sevilha, teve de se refugiar em Cadiz, n'um dos extremos da Hespanha. No oriente as coisas não caminhavam melhor, e, se as defezas de Saragoça e Gerona por exemplo immortalisavam a constancia hespanhola, nem por isso deixa de ser verdade que os exercitos hespanhoes eram alli tão batidos como no poente e no centro, e que os francezes dominavam tambem nas provincias do Ara-

gão e da Catalunha. A situação, portanto, no principio de 1810, não se mostrava côr de rosa para os inimigos de Napoleão na Península.

Lord Wellington é que estava mais do que nunca decidido a manter-se em Portugal a todo o custo, mas a não passar a fronteira senão quando as circumstancias o favorecessem muitissimo. Aqui, em vez dos deploraveis soldados da Hespanha, tinha tropas que haviam adquirido já uma admiravel firmeza; em vez das eternas desconfianças da junta hespanhola, tinha um governo que se lhe lançara completamente nos braços, a ponto de ter assento elle mesmo no conselho da regencia, assim como o embaixador inglez. Isto já era um excesso de condescendencia da parte do nosso governo, mas essa condescendencia ultrapassou todas as raias, quando levou o conde de Linhares a assignar o celebre tratado de commercio de 1810, que nos punha completamente na dependencia da Inglaterra, como se não fossem bastantes ainda os laços do tratado de Methwen. Era sina! Emquanto o povo dava aqui exemplos de heroismo, e de dignidade, o governo impunha-nos as maiores humilhações. A bandeira nacional, que o principe-regente lançara como um tapete aos pés de Junot, o invasor de 1807, levantara-a o povo n'um impeto sublime e desfraldara-a ao vento das batalhas, e o principe regente de novo lh'a tirava das mãos para a arrojjar aos pés de Strangford, o negociador do tratado de 1810!

Mas emfim Portugal estava sendo um precioso

recurso para o governo inglez; dava-lhe boas tropas quando já escasseavam recrutas na Inglaterra, e entregava-lhe sem condições o seu terreno para campo de batalha. Por isso o governo britannico elevou o subsidio de guerra que dava a Portugal a dois milhões de libras esterlinas, tomando a seu soldo trinta mil soldados nossos, e lord Wellington tratou de arranjar as coisas de modo que não fosse obrigado a abandonar este canto da Península, quando a possível marcha victoriosa dos francezes o repellisse até á beira-mar.

Foi com esse intento que levantou as famosas linhas de Torres Vedras, aproveitando para isso os primeiros mezes de 1810; a inaudita felicidade de lord Wellington ainda n'este momento o favoreceu. Napoleão, livre da Austria, fizera convergir para a Hespanha reforços importantes, pozera um dos mais famosos generaes francezes á testa do exercito que devia operar em Portugal; esse general era Masséna, a quem chamavam o anjo da victoria, porque nunca a fortuna militar lhe voltara as costas, e que ainda na ultima campanha se cobrira de gloria, merecendo que Napoleão lhe mudasse o titulo de duque de Rivoli no de principe d'Essling. Mas, ao mesmo tempo, o imperador, receiando os perigos de uma campanha de verão n'estes climas ardentes, ordenara que as operações activas só principiassem em setembro, e que até ahí os varios exercitos francezes se occupassem em tomar as praças onde não tremulava ainda a bandeira tricolor. Nem em 1808 nem em 1809 tomara

9.º (Drouet d'Erlon) formava a reserva, não falando já em divisões isoladas como as de Bonnet, Kellermann, e Dorsenne, que procuravam manter as communicações, e dispersar as guerrilhas.

Os dois principaes exercitos, de Masséna e Soult, deviam, no pensamento de Napoleão, concorrer para a conquista de Portugal. Mas as discordias dos generaes transtornavam sempre a execução dos planos, e a falta de um commando supremo e energico tornava impossivel o remedio d'esses males. Masséna acceitou constrangido o commando do exercito de Portugal. Tinha a reputação de ser o primeiro general dos exercitos francezes; conhecia as difficuldades enormes da guerra da Peninsula, as intrigas que paralytavam a acção militar, os obstaculos insuperaveis que o clima, a insurreição, o desespero dos povos levantavam diante dos invasores, e não queria jogar em tão arriscada partida a sua velha gloria. Elle mesmo estava já desejoso de descanso, fatigado de tão incessantes lutas. Dois dos seus logares-tenentes não lhe podiam obedecer, nem lhe obedeciam na verdade, senão com extrema repugnancia. Um d'elles era Ney, organização indomavel, espirito indisciplinado, desejoso de commandar em chefe, e irritado por servir como subalterno, elle que tambem tinha o bastão de marechal do imperio; o segundo era Junot que exercêra em Portugal o commando supremo, e que não se podia resignar a entrar de novo n'este paiz, onde fôra, por assim dizermos, rei, subordinado ás ordens de outro. De tudo isto resultavam attritos,

chique e Mafra, e expirava na costa ao norte da Ericeira. Eram os seus tres districtos o de Vialonga, o de Cabeço de Montachique e o de Mafra.

A terceira linha, destinada exclusivamente a cobrir o ponto de embarque do exercito inglez, defendia a parte septemtrional da barra do Tejo, e tinha o nome de districto de Oeiras, porque em torno d'esta villa desenrolava o seu pequeno perimetro. Estas linhas, quando se completaram de todo, que foi em 1812, compunham-se de 152 reductos e fortes, armados com 534 peças de artilharia, e precisando para sua defeza e guarnição de 34:125 homens. Quando porém as veiu occupar o exercito de lord Wellington, as duas primeiras linhas comprehendiam 126 reductos e estavam armadas com 297 peças de artilharia. A terceira, como sabemos, era apenas um recurso extremo.

Depois de ter delineado estas obras gigantês, Wellington tornou para o seu exercito que estava acampado nas margens do Côa. Duas brigadas portuguezas, e duas inglezas, debaixo do commando supremo do general Hill, vigiavam em Elvas os movimentos do inimigo.

É que effectivamente Napoleão queria que Portugal fosse invadido por ambos os lados do Tejo. Havia em 1810 nove corpos de exercito francezes na Peninsula. Macdonald com o 7.º occupava a Catalunha, Suchet com o 3.º o Aragão, Soult com o 1.º (Victor), 4.º (Sébastieni), e 5.º (Mortier) a Andaluzia, Masséna com o 2.º (Régnier), 6.º (Ney), e 8.º (Junot) devia invadir Portugal pela Beira. O

o imperador essa precaução; tomava-a em 1810, exactamente quando lord Wellington precisava de alguns mezes de tranquillidade para levantar as linhas de Torres-Vedras!

Temos de dar uma rapida noticia d'essas fortificações, onde veiu quebrar-se a impetuosidade do exercito francez, e diante das quaes parou estupefacto Masséna, o defensor de Genova, o vencedor de Caldiero!

A especie de península, formada pelo Oceano e pelo Tejo espraído na parte da sua corrente que segue de Santarem para baixo, apresenta um certo numero de obstaculos naturaes e posições importantes, que varios engenheiros portuguezes, francezes, e inglezes tinham successivamente indicado como aproveitaveis para a defeza de Lisboa. Wellington concebeu o plano gigante de as transformar n'um vasto campo entrincheirado, onde o exercito anglo-portuguez podia desafiar os ataques do inimigo, e a abrigo das quaes podia o exercito britanico embarcar tranquillamente, se a isso fosse forçado. Essas magestosas fortificações compunham-se de tres linhas successivas; a primeira começava nas margens do Tejo nas alturas de Alhandra, e ia terminar na costa na embocadura do rio Sizandro. Dividia-se em trez districtos: o de Alhandra, o de Sobral de Monte Agraço, e o de Torres Vedras. Dava este o nome ás linhas por serem importantissimas as fortificações agrupadas em torno d'essa villa.

A segunda linha começava no Tejo um pouco acima da Povia, passava pelas alturas de Monta-

indisposições, discordias, que deviam concorrer muito para a molleza dos movimentos do exercito, para a falta de unidade no ataque.

Segundo as ordens do imperador, Masséna occupou-se até ao fim de agosto no cerco e tomada de Ciudad-Rodrigo e Almeida. Ambas as praças se defenderam valorosamente; Wellington conservou-se immovel. O general Silveira em Traz-os-Montes, Wellington e Beresford na Beira, o general Hill no Alemtejo escaramuçavam apenas com o inimigo, enquanto este proseguia nas suas operações de assédio. De todos esses pequenos combates foi o mais importante de certo a enterpreza do general Silveira contra Puebla de Senabria, que obrigou a capitular, aprizionando um batalhão suizo que a defendia, e quasi á vista da divisão Serras, que o corpo de exercito de Junot destacara para a fronteira de Traz-os-Montes para cobrir as communicações. Entretanto Masséna tomava Ciudad-Rodrigo nos primeiros dias de junho, e entrando em Portugal punha cerco a Almeida. Defendeu-se briosamente esta praça, governada pelo brigadeiro inglez Cox, e por mais tempo ainda resistiria, se a explosão de um paiol de polvora, promovida por uma bomba franceza, não arruinasse as fortificações da villa, e não espalhasse um profundo terror entre os habitantes. Capitulou no dia 27 de agosto.

Perto de vinte dias perdeu Masséna antes de entrar em operações activas, compellido pela necessidade de dar descanso ás tropas, e de organizar para o exercito serviço de viveres e de communica-

ções. Poz-se emfim em marcha no dia 16 de setembro, e Wellington, que assistira fleugmaticamente á tomada das duas praças, retirou diante d'elle em boa ordem, e na sua retirada acompanhava-o a população portugueza, que, obedecendo com heroica e patriótica abnegação a uma ordem da regencia, abandonava os seus lares, queimava as suas habitações, devastava as suas searas, para deixar atraz de si um deserto que devorasse os audaciosos profanadores da nossa patria.

Espantados com este systema de defeza, que dois annos depois devia tambem destruir nas steppes da Russia os exercitos imperiaes, os francezes avancavam lentamente pela Beira-Alta, entravam em Vizeu, e, seguindo a margem direita do Mondego, dirigiam-se para Coimbra. A estrada, que tomavam, conduzia-os ás alturas do Bussaco, onde Wellington, que na retirada fôra concentrando as suas forças e chamara a si os dez mil homens do general Hill, os esperava para lhes apresentar uma batalha defensiva. Desejaria Masséna tornear os inglezes, e acceitar-lhes só em campina rasa a batalha que elles mostravam querer travar. Mas, tendo estudado superficialmente os terrenos, e julgando que a posição occupada pelos inglezes fechava completamente a estrada de Coimbra, decidiu-se a atacar a impetuosamente no dia 27 de setembro.

Foram os dois corpos de exercito de Régnier (2.<sup>o</sup>) e de Ney (6.<sup>o</sup>) os que se encarregaram do assalto. A divisão Merle do 2.<sup>o</sup> corpo investiu as alturas de Alcoba na direita. É a divisão Picton

que a defende, e o 8 portuguez de infantaria o primeiro que recebe o choque. Abalado um instante pelo impeto dos assaltantes, logo torna a si da primeira surpresa, e, auxiliado por dois regimentos inglezes, repelle, n'uma brilhante carga de baioneta, os seus valorosos inimigos. Vem a brigada Foy da divisão Heudelet do 2.<sup>o</sup> corpo em auxilio dos soldados de Merle, mas a brigada portugueza comandada pelo coronel Champalimaud (9 e 21) despenha-os pelas fragas. A divisão Leith reforça a divisão Picton; os francezes tem perdas enormes, o general de brigada Graindorge recebe uma ferida mortal, tem uma grave ferida o general Foy. O ataque á nossa direita mallogrou-se completamente.

Na esquerda não são mais felizes as tropas de Ney, que demais a mais entram já tarde em linha. É na matta do convento que se apoiam as nossas tropas. A brigada Simon <sup>1</sup> da divisão Loison do 6.<sup>o</sup> corpo, depois de um primeiro e ephemero successo, é repellida pela brigada portugueza Pack (1 e 16); a brigada Ferrey pela divisão ligeira ingleza e pela brigada portugueza Coleman (7 e 19). A segunda divisão (Marchand) encontra os nossos victoriosos, e é egualmente repellida, distinguindo-se o 7 de infantaria portugueza pela intensidade do seu fogo, e o 19 por uma brilhante carga de bayoneta. Ney é compellido a retirar como o seu collega Régnier. Massena nem chama a si o corpo de exercito de Junot, nem manda ao assalto as divisões de reser-

<sup>1</sup> Este general foi aprisionado pelos portuguezes.

va dos corpos de Ney e de Régnier; a terrível perda de quatro mil e quinhentos homens entre mortos e feridos adverte-o da inexpugnabilidade das posições que ataca. Wellington, tendo perdas relativamente insignificantes, mantém-se nas alturas da serra, esperando um novo ataque possível, e os portuguezes, que pela primeira vez, depois de disciplinados por Beresford, affrontam em grande batalha os soldados de Napoleão, deixam transluzir nos rostos o entusiastico orgulho, que os elogios dos inglezes plenamente justificam.

Só no dia 28 é que Massena descobriu emfim o que lhe pouparia na vespera uma sanguinolenta batalha — a estrada de Boialvo. Os tres corpos de exercito francezes escaparam-se em silencio, e tornearam a serra, onde Wellington se mantinha. Este, apenas percebeu a marcha, abandonou precipitadamente as suas posições, receiando que Massena conseguisse cortar-o das linhas de Torres-Vedras; atravessou Coimbra sem descançar seguido de perto pelo inimigo. A devastação das terras e a fuga das populações continuavam; Coimbra estava em parte abandonada. Empenhava-se Massena em que fossem bem tratados os portuguezes, para ver se conseguia que elles não deixassem as suas casas, e podessem dar alguns recursos ao exercito invasor; mas a falta de mantimentos produzia a indisciplina, e o exemplo dos generaes concorria para que não fossem cumpridas as ordens do marechal. Em Coimbra foi o proprio Junot que abriu as portas da cidade á soldadesca.

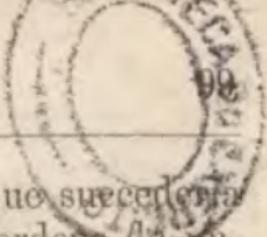
D'ahi por diante a retirada de Wellington e a marcha de Masséna tomaram um caracter verdadeiramente doloroso para os povos. O exercito anglo-portuguez levava adiante de si uma multidão chorosa que engrossava a cada momento, e que, entrouxando os objectos mais preciosos, abandonava os humildes lares ao desespero do invasor. Os excessos dos nossos proprios soldados, que foi necessario punir com severidade, aggravavam a triste condição dos fugitivos. Depois, quando desapparecia no horisonte aquella confusa massa de povo, comboiada por assim dizermos pelas tropas portuguezas e pelos soldados inglezes cujas fardas vermelhas brilhavam com reflexos sanguinolentos á luz do sol do outono, surgia o exercito de Masséna, exasperado pela falta de recursos, pela aspereza das marchas, pela violencia da insurreição; o que o exercito de Wellington não destruiu, destruiam-n'ó ou roubavam-n'ó os francezes; aos desgraçados que, por velhice ou fraqueza, não tinham podido acompanhar os seus compatriotas na fuga, infligiam tormentos sem nome, umas vezes para lhes arrancarem o segredo dos thesouros escondidos e das subsistencias sonegadas, outras vezes apenas para satisfazerem a ferocidade dos seus instinctos. Masséna já não tinha força para disciplinar o exercito, não só pelas resistencias que encontrava nos seus orgulhosos subordinados, mas tambem porque era obrigado pela necessidade fatal a fazer viver o seu exercito á custa do paiz que atravessava, e a tolerar por conseguinte todos os excessos, todos

os actos de ferocidade que nasciam da desorganisação dos regimentos, da sua inevitavel dissolução em bandos de salteadores.

Aquelles primeiros dias do mez d'outubro de 1810 ficaram sendo de sinistra recordação para Portugal.

A marcha de Masséna e Wellington não parece um episodio das guerras modernas, lembra essas terriveis invasões dos barbaros no seculo v, que deixaram, nos livros dos historiadores dos primeiros tempos do christianismo, um longo echo de horror e de lamentos. Lembra as invasões de Attila, ou uma *razzia* dos mussulmanos nas provincias christãs de Hespanha, quando, ao verem fluctuar ao longe os brancos albornozes dos filhos do Propheta, as populações fugiam em desordem para que o alfange não trucidasse os velhos, para que o harem não profanasse as virgens.

A turba fugitiva veio refugiar-se em Lisboa, augmentando com um grande numero de boccas inúteis a população da cidade. Entravam com ellas o terror e a miseria. Era necessario que se provesse á sustentação de tantos milhares de desgraçados por medidas governativas, e por actos de caridade, que encontraram echo em Inglaterra, onde se reuniram por subscripção milhares de libras esterlinas para se distribuirem pelas victimas da guerra terrivel, que Wellington aconselhara, que a regencia portugueza exigira do povo, e a que este se sujeitara com sublime abnegação. Felizmente estava o mar livre, e na margem esquerda do Tejo não



havia nem sombra de inimigos. O que succederia se o marechal Soult, cumprindo as ordens do imperador, invadissem o Alemtejo desprovido de tropas, que todas eram poucas para a defeza das formidaveis linhas de Torres-Vedras, e atacasse Lisboa pelo lado meridional? É difficil prevel-o, porque, apesar das instancias do nosso governo, Wellington pouco attendera ás fortificações de Almada. Não o preocupava muito, é certo, o destino de Lisboa, a elle que tinha o seu embarque protegido independentemente da cidade, pela terceira linha das suas collossaes fortificações; comtudo a tomada de Lisboa fazia cair a resistencia das linhas de Torres-Vedras, e aniquilava o seu bem combinado plano, e todo o fructo da sua prudente estrategia. A negligencia de Wellington bazeava-se porém no seu profundo conhecimento das disposições moraes do exercito francez. A vinda de Soult não lhe deu cuidado, porque bem suspeitou que elle não viria. As rivalidades dos marechaes, a falta de um commando supremo e forte, fazia com que tratasse cada um da missão que lhe era especialmente confiada, e pouco se importasse com os seus collegas, ainda que essa indifferença prejudicasse o conjuncto das operações militares.

Masséna entretanto parara estupefacto diante das linhas de Torres-Vedras, cuja existencia elle nem sequer suspeitava, tão inviolavelmente guardara Portugal todo o segredo recommendado por Wellington. Essa imponente massa de reductos, erriçados de artilheria, que se flanqueavam uns aos ou-

tros, que entre si communicavam por telegraphos, e por traz dos quaes scintillavam as bayonetas do exercito alliado, encheu de assombro o intrepido marechal. Wellington reunira nas linhas todas as forças de que podia dispôr. Os seus inglezes, os portuguezes de Beresford, o povo armado, os batalhões de milicias de Tondella, Vizeu, Castello-Branco, Covilhã, Idanha, Feira, Leiria, Thomar, Santarem, Setubal, Alcacer, Torres-Vedras, Termo de Lisboa Occidental, Lisboa Oriental, Lisboa Occidental e ainda oito mil hespanhoes, commandados pelo marquez de La Romana, a quem Wellington pedira para reforçar a guarnição dos entrincheiramentos, elevavam-n'a ao numero de mais de cento e dez mil homens organizados. Com os seus sessenta mil homens escassos, Masséna não os podia forçar. Tentou reconhecimentos, experimentou a inexpugnabilidade das fortificações; procurou atrair para fóra das linhas Wellington, o fleugmatico inglez não acudiu ao reclamo; esperou Soult, Soult não appareceu; pediu reforços, veio-lhe o 9.<sup>o</sup> corpo de exercito (Drouet d'Erlon) reduzido a menos de dez mil homens; mandou pedir a Napoleão um exercito suplementar de sessenta mil homens para fazer cair as linhas, e Napoleão, precisando reunir forças na Allemanha, não lh'as mandou! Entretanto a fome, as doenças devoravam-lhe os soldados; a vida de rapina, a que eram forçados, desmoralisava-os. Queria passar para a outra margem do Tejo, os barqueiros da Chamusca queimavam os barcos, seu unico recurso, para lh'os não

entregarem; o general Éblé teve de improvisar uma equipagem de ponte, e a ponte afinal nunca serviu, porque se reconheceu o inconveniente de se dividir o exercito, e se resolveu esperar a chegada de Soult que nunca veio!

Entretanto passava-se o inverno; Masséna mal podia manter as communicações. As divisões francezas, que vinham reforçal-o, eram obrigadas a deixar metade do seu effectivo no caminho para resistirem aos guerrilhas e ás milicias portuguezas, que debaixo das ordens de Silveira e de Trant faziam ao inimigo uma pequena guerra tenaz e energica. Silveira trez vezes se batera com exito, em Valverde, em Gamelas e em Pereiro. Trant, logo depois da partida de Masséna, retomara Coimbra e aprizionara o destacamento francez que alli ficara para guardar os doentes e os feridos. Diante de Torres Vedras o exercito francez era constantemente incommodado pelas sortidas do exercito anglo-luso. Para evitar este tiroteio incessante, Masséna no dia 14 de novembro retrogradou um pouco, e estabeleceu-se nas solidas posições de Santarem, a fim de esperar os reforços que julgava indispensaveis para fazer alguma tentativa sobre as linhas de Torres Vedras ou sobre Lisboa. Wellington seguiu-o passo a passo, com o fim de lhe dificultar a passagem do Tejo, se elle a quizesse emprender, e, estabelecendo o seu quartel-general no Cartaxo, esperou tambem os acontecimentos.

Entrou o anno de 1811 sem que Masséna desistisse da empreza. Soult, forçado pelas ordens do

imperador, saíra enfim da sua inacção, e com o 5.º corpo de exercito (Mortier) e algumas forças destacadas do 1.º e 4.º corpo, marchara para a fronteira do Alemtejo, mas em lugar de ir rapidamente unir-se a Masséna, entreteve-se demoradamente com os cercos de Badajoz e Olivença. Então, perdendo a esperança de ser soccorrido, Masséna resolveu-se a retirar. A sua posição estava sendo difficilima; o systema de abastecimento das suas tropas desmoralisava-as sem que ao menos as fizesse viver na abundancia; era incommodado a cada momento por escaramuças de guardas avançadas, e n'uma d'ellas fôra Junot ferido na face. Os seus logares-tenentes, indisciplinados, não falavam senão em retirar. No dia 4 de março effectivamente começou o exercito francez o seu movimento retrogrado. Se estava indisciplinado á vinda, mais o estava no seu regresso. As atrocidades que praticou enchem de sombrio horror a historia da campanha. Os generaes agora deixavam-n'ó completamente á vontade, e, umas vezes para difficultar a marcha de Wellington, outras vezes por um sentimento de baixa vingança, ordenavam devastações selvagens, mandando queimar villas, aldeias e até monumentos nacionaes como o convento de Alcobaça. Estas crueldades mancham mais a memoria de Masséna, do que as que se praticaram na primeira marcha do exercito francez. Então era a disciplina que o marechal debalde procurava cohibir, agora era a irritação do seu amor-proprio magoado que lhe aconselhava actos de vandalismo, e uma

tolerancia completa com os excessos dos soldados.

No dia 6 de março poz-se Wellington em marcha para seguir o inimigo. De Abrantes destacou o marechal Beresford com uma forte divisão de tropas inglezas e portuguezas, para, se podesse, socorrer a praça de Badajoz e observar os movimentos de Soult. Ficou debaixo das ordens de Wellington o grosso das nossas tropas, que marcharam com a parte principal das forças britannicas, em seguimento de Masséna. E devemos aqui dizer que o exercito portuguez, apesar de ser commandado especialmente pelo marechal Beresford, não formava um corpo distincto, mas entremeiava-se com os seus alliados, formando-se as divisões com brigadas portuguezas e inglezas.

Retirava Masséna com a intenção de fazer alto em Coimbra; Ney sustentara com a retaguarda um combate em Pombal e outro em Redinha, desenvolvendo principalmente no ultimo as mais brilhantes qualidades militares; em Condeixa porém retirou precipitadamente sem acceitar combate, em Foz d'Arouce uma das suas divisões foi destroçada, e Masséna viu-se forçado a desistir de se estabelecer sobre o Mondego; ainda pretendeu sustentar-se no Alva, mas d'esta vez parece que foi Regnier que não cumpriu as suas ordens, e em todo o caso depois do combate infeliz da Ponte de Murcella, o principe d'Essling viu-se obrigado a abandonar Portugal, e a parar na fronteira entre Ciudad-Rodrigo e Almeida, praças que tinham guarnições francezas.

Não queria porém Masséna dar-se definitivamente por vencido, e com a constancia que o caracterisava pretendeu recommençar de novo a campanha; encontrou porém decidida opposição nos seus subalternos, que a tal ponto se mostraram insubordinados que Masséna teve de demittir o marechal Ney do commando do 6.º corpo. Ainda assim, forçado pelas circumstancias dos soldados e pela má vontade dos generaes, retirou-os definitivamente de Portugal, onde os conservava ainda acampados em Celorico, Belmonte e Guarda, e foi a Salamanca refazer-se o melhor que pôde dos desastres da campanha. Entretanto Wellington, julgando-se livre de Masséna, fôra ao Alemtejo ver o exercito de Beresford que principiara o cerco de Badajoz, e reconhecer a situação. Masséna, sabendo isto, prepara-se para tirar uma desforra, descercando Almeida, que o exercito angloportuguez, commandado por Spenser, na ausencia de Wellington, ficara bloqueando. Não perde tempo, apressa os preparativos, mas o marechal Bessieres, que governa no norte de Hespanha, demora-lhe munições, artilharia, e alguns reforços da guarda imperial. Chega enfim no primeiro de maio, e Masséna, que o espera com impaciencia, põe-se logo em marcha, mas já encontra os angloportuguezes, debaixo do commando de Wellington que voltara do Alemtejo, postados n'uma boa posição por traz do rio Dos-Casas, tendo na sua retaguarda a fronteira portugueza, na direita a aldeia de Fuentes d'Oñoro que dá o nome á ba-

talha, na esquerda o forte arruinado da Conceição.

Masséna projecta tornear a direita de Wellington no dia 3 de maio, mas encontra-a solidamente fortificada; no ataque porém observa que, prolongando-se mais á direita, póde achar terreno favoravel; no dia 4 conserva-se immovel, e á noite, quando principia a escuridão, ordena ao exercito uma conversão á esquerda, de fórma que no dia 5 pela manhã um ataque impetuoso contra Fuentes de Oñoro põe em serio perigo as tropas de Wellington.

As cargas de cavallaria franceza accumulada n'aquelle ponto eram sobretudo terriveis, e os alliados iam perdendo terreno a cada momento; mas Wellington, não se deixando illudir com o ataque simulado de Regnier na sua esquerda, enviava a cada momento reforços á direita; os portuguezes e os inglezes rivalisavam em intrepidez, uma brigada nossa (Ashworth) sustentava desde pela manhã todo o peso do inimigo. Emfim, ao cair da noite, os anglo-portuguezes na direita haviam recuado um pouco, mas mantinham-se em boas posições que a sua constancia tornava inexpugnaveis. No dia 6 Masséna não recommçou o ataque, ou porque lhe faltassem cartuxos, como assevera Thiers, ou porque a fadiga e a desanimação dos soldados e dos officiaes, como o mesmo historiador deixa entrever, obrigassem Masséna a desistir de nova tentativa.

Não podendo desbloquear Almeida, Masséna resolveu destruil-a. Mandou ordem ao governador da

praça, por um emissario intrepido, para que fizesse saltar as muralhas e se reunisse com a guarnição ao exercito. Alguns dias se manteve nas suas posições para dar tempo a que se cumprissem as suas ordens. Executou-as com rara intrepidez o general Brenier; fez voar pelos ares as fortificações d'Almeida, e, atravessando com os seus 1:500 homens o exercito anglo-portuguez, logrou reunir-se a Masséna, deixando apenas uns 200 homens da rectaguarda nas mãos do inimigo. Foi applaudida esta façanha pelos proprios adversarios, e ainda hoje é citada como um dos actos mais árrojados da historia militar.

Estava terminada definitivamente a terceira e ultima invasão franceza. As tropas de Marmont, successor de Masséna, atravessaram por vezes a nossa fronteira, mas nunca mais os soldados francezes se estabeleceram como conquistadores no nosso territorio. Esta ultima invasão fôra a mais terrivel de todas. Os povos, fugindo diante do invasor, os inglezes executando friamente o seu plano de campanha, os francezes compellidos pela necessidade, pela indisciplina e pela vingança, todos tinham devastado cruelmente a terra portugueza. A construcção das linhas de Torres Vedras não fôra menos ruïnosa; as expropriações feitas pelos engenheiros eram sempre forçadamente gratuitas, os materiaes tomavam-se e não se pagavam. Quando Wellington obrigou enfim Masséna a retirar, grangeou gloria immortal, mas que a um povo inteiro custava a fome e a miseria. É tocante

a resignação dos nossos compatriotas, é horrível o plano de campanha de Wellington. Portugal foi a victima sacrificada á salvação da Europa. Wellington em Torres Vedras não defendeu Portugal, defendeu a Inglaterra; entregou o reino todo devastado aos francezes; o que não é de certo o melhor modo de o salvar. Os russos entregaram a Napoleão as provincias da estrada de Moscow para salvarem o resto, Wellington entregava Portugal todo aos francezes para salvar não Lisboa, mas o seu exercito, porque a sua linha de retirada, coberta pelas fortificações, não era a capital do reino, era a praia de S. Julião da Barra! Mas estava por tal fórma vigoroso o sentimento da nacionalidade no animo do nosso pobre povo, que tudo sacrificou sem hesitação, quando o general inglez lhe disse que o unico modo de salvar a sua independencia, o seu pundonor e a sua dignidade, era refugiar-se com as armas na mão, n'um palmo de terra fortificado á beira do Oceano, á sombra querida da bandeira nacional, que fluctuava impolluta ás auras da batalha.

## V

Tomada de Badajoz pelos francezes — Brilhante defeza de Campo-Maior — Primeiro cerco de Badajoz — Batalha de Albuera — Retirada de Wellington — Combate de Arroyo-Molinos — Tomada de Ciudad-Rodrigo — Segundo cerco e tomada de Badajoz — Campanha de 1812 — Batalha de Salamanca — Entrada em Madrid — Retirada de Burgos ao Agueda — Campanhas de 1813 e 1814 — Batalha de Victoria — Combates dos Pyreneus — Cerco e tomada de S. Sebastião — Passagem do Bidassoa — Batalha de Nivelle — Batalha de Nive — Batalha d'Orthez — Entrada em Bordeus — Batalha de Tolosa — Queda de Napoleão e paz geral — Conclusão.

Emquanto estivera o grosso das nossas forças concentrado nas linhas de Torres Vedras, a defeza do resto do paiz fôra entregue exclusivamente a alguns batalhões de milicias, alguns regimentos de cavallaria, e ás ordenanças. Com estas diminutas forças, Silveira, Bacellar, Trant, Wilson, Madden, etc., incommodavam bastante os exercitos francezes. Madden, com trez regimentos de cavallaria portugueza, operava no Alemtejo de combinação com as forças hespanholas do exercito, que fôra commandado pelo marquez de La Romana antes de este acompanhar Wellington para as linhas de Torres Vedras. Madden não duvidara medir-se com as tropas do marechal Mortier, e em Fuentes de Cantos sustentara um brilhante combate. Chegou entretanto o principio de 1811, e Soult, muito contra vontade, reuniu ao corpo de exercito de Mortier (5.<sup>o</sup>) algumas forças do 1.<sup>o</sup> e do 4.<sup>o</sup>, e marchou

para a fronteira do Alemtejo com o fim ostensivo de se unir ao marechal Massena. Em vez de o fazer, sitiou e tomou Olivença, e poz cerco a Badajoz, que se defendeu bem ao principio. Um pequeno exercito hespanhol, commandado por Mendizabal, approximou-se com o fim de soccorrer a praça; Soutl destroçou-o completamente na batalha do Xevora, e continuou o cerco de Badajoz que se rendeu emfim no dia 11 de março quando o exercito de Masséna estava já em plena retirada.

A pequena força portugueza, que existia no Alemtejo, auxiliara os hespanhoes n'estas pugnas com um destacamento de artilharia na defeza de Badajoz, com alguns esquadrões de cavallaria na batalha do Xevora. Iam ter que defender agora o seu territorio, porque Mortier expedira uma columna importante para tomar Campo Maior, enquanto Soutl voltava para a Andaluzia chamado por noticias inquietadoras de Cadiz. Esta cidade continuava a resistir ao bloqueio de Victor; tropas inglezas auxiliavam os hespanhoes na defeza da praça, e um regimento portuguez, o 20 de infantaria, tambem alli militava e se cobria de gloria. Os sitiados, de combinação com tropas vindas de Gibraltar, fizeram uma sortida, de que resultou a batalha de Chiclana, pouco feliz para Victor, mas que o não obrigou a levantar o cerco. Eram estas noticias as que chamavam Soutl á Andaluzia.

Entretanto Mortier, como dissemos, confiava a Girard a tomada de Campo-Maior. Esta villa, quasi desmantellada, foi defendida com raro herois-

mo pelo major Talaya, que só capitulou honrosissimamente, depois de ter resistido, com um punhado de homens, a dez dias de horroroso bombardeamento. Poucos dias esteve Campo-Maior nas mãos dos francezes. Beresford, que se separara em Abrantes, como vimos, do grosso do exercito anglo-portuguez, approximava-se rapidamente, e entrava na villa, que os francezes abandonaram sem resistencia. Encontrando Badajoz nas mãos do inimigo, e defendida por um brilhante official, o general Philippon, foi-lhe pôr cerco, depois de ter retomado Olivença.

Os generaes hespanhoes mais considerados entre os seus, Castaños o vencedor de Baylen e Blake o obstinado defensor da Catalunha, saindo de Cadiz, vieram tomar o commando de forças hespanholas, que podessem auxiliar Beresford na sua importante empreza. Mas Soult, mais tranquillo na Andaluzia, quiz desbloquear Badajoz. Trazendo comsigo alguns reforços, veiu pôr-se á frente do 5.º corpo de exercito, commandado agora pelo general Latour-Maubourg. Ao saber da sua aproximação, Beresford levantou o cerco de Badajoz, mandou para Elvas o material do sitio, e foi postar-se em Albuera para impedir Soult de abastecer a praça.

Beresford, a convite dos generaes hespanhoes, assumira o commando supremo das forças alliadas. Discipulo de Wellington, soubera escolher uma boa posição defensiva, mas, menos habil do que o seu general em chefe, accumulara forças demasiadas no centro, desguarnecendo a direita. Soult descorti-

nara habilmente o ponto fraco do adversario, e simulando um ataque ao centro, carregara com impetuosidade o flanco direito onde estavam os hespanhoes. Logo Beresford reforçou o ponto ameaçado com a divisão ingleza Stewart, mandando para sustental-a a divisão portugueza Hamilton. Ainda assim o combate conservava-se indeciso, e até mesmo a brigada ingleza de cavallaria Colburne fôra envolvida pelos dragões de Latour-Manbourg e deixara-lhe nas mãos 800 prisioneiros, tres peças e uma bandeira. Beresford teve de chamar da extrema esquerda á direita uma brigada da divisão Cole. Era a brigada portugueza Hervey, composta dos regimentos 11 e 23. Coube-lhe a honra de decidir a sorte da batalha. Repellindo com raro denodo as cargas da cavallaria polaca, a nossa brigada faz pender a balança para o lado dos alliados. Os francezes repellidos passam em desordem a ribeira de Albuera. Sault, vendo frustrados os seus esforços, cobre com a reserva a retirada das columnas de ataque, e, depois de se conservar um dia nas suas posições, retira sem ser perseguido. Esta victoria, sem consequencias brilhantes, como Bussaco, Talavera, Fuentes de Oñoro, como todas as batalhas defensivas, custara-nos muito sangue. Entre mortos, feridos e extraviados perdia oito mil homens o exercito alliado, mas podia, sem obstaculo algum, tornar a pôr cerco a Badajoz, o que fez immediatamente.

Entretanto porém o marechal Marmont substitua Masséna no commando do exercito denominado de Portugal, e Sault recebia o reforço do 9.º

corpo, commandado por Drouet. Entrando pela primeira vez em Hespanha, sem resentimentos contra os seus collegas, resolvido a fazer tudo o que podesse concorrer para o bem do serviço, Marmont apressou-se a marchar em soccorro de Soult. Wellington deixara o exercito da Beira debaixo do commando de Spenser, viera com tres divisões unir-se a Beresford, e tomara a direcção do cerco de Badajoz. Defendia-se heroicamente o general Philippon, os anglo-portuguezes atacavam com denodo, mas não queriam abrir brecha emquanto não tomassem o forte de S. Christovão que resistia admiravelmente. Marmont entretanto illudia Spenser com um movimento simulado, passando com rapidez o Tejo, vinha reunir-se a Soult, e os dois marechaes, á frente de um numeroso exercito, iam em soccorro de Badajoz. Wellington, sabendo isto, levantou o cerco a 8 de junho, e veio collocar-se n'uma forte posição em Portalegre, receiando que os dois exercitos, reunidos pela primeira vez na força de uns sessenta mil homens, pensassem em perseguil-o. Mas Soult e Marmont logo se separaram, o primeiro para tornar á Andaluzia, o segundo para tornar ao valle do Tejo. Badajoz ficava bem fornecida de viveres e munições, com a guarnição reforçada, e na Extremadura hespanhola deixara Soult o 5.º corpo do exercito, commandado agora por Drouet d'Erlon, e encarregado de vigiar os movimentos dos inglezes e os do general Castaños, porque Blake partira para o oriente da Hespanha para dirigir a defeza de Valencia.

Estava-se em pleno verão e os calores excessivos convidavam os dois exercitos a entrar em quartéis de estio. Os mezes de julho e agosto passaram-se de parte a parte na inacção. No meiado de setembro, Marmont junto com o general Dorsenne, que substituiu Bessières no commando das provincias do norte, logrou abastecer Ciudad-Rodrigo. Wellington, que voltara á Beira deixando no Alentejo Hill com quatorze mil inglezes e portuguezes, tinha ainda os seus acantonamentos dispersos. Marmont, vendo a facilidade com que abastecera Ciudad-Rodrigo, quiz apalpar o inimigo, mas no reconhecimento que fez encontrou em Bodon e Alfayates uma resistencia seria nos dias 25 e 27 de setembro. O exercito de lord Wellington não se deixava surprehender. Já não succedia o mesmo aos francezes, que estavam fazendo com muita negligencia o serviço, em Hespanha, onde se pagava tão caro esse desleixo! Foi o que aconteceu a uma das divisões de Drouet d'Erlon, a divisão Girard, surprehendida em Arroyo-Molinos pelo general Hill, e completamente destroçada, perdendo as bagagens, a artilharia e cerca de dois mil homens entre mortos, feridos e prisioneiros. Figuraram n'este brilhante combate ao lado dos inglezes e de algumas forças hespanholas quatro regimentos de infantaria portugueza, um de artilharia, e um de caçadores. Encheu este feito d'armas de entusiasmo os alliados, e de desgosto os francezes, mas não teve influencia na sorte da campanha. Wellington, desejando tomar Ciudad-Ro-

drigo e Badajoz, espreitava ansioso o momento opportuno para qualquer surpresa; Marmont seguia-lhe os movimentos com attenção, prompto a soccorrer Ciudad-Rodrigo se para ahi se dirigisse o general inglez, a unir-se a Soult para acudir a Badajoz se fosse esse o ponto de mira do general britannico.

O momento esperado por lord Wellington não tardou muito. No oriente da Hespanha, Suchet, depois de uma brilhante campanha de cercos em que tomara, entre outras praças, Tarragona que fizera uma defeza honrosa, preparava-se para entrar no reino de Valencia, cuja conquista era sumamente desejada por Napoleão, que, para a facilitar a Suchet, a quem acabara de dar o bastão de marechal, ordenou que todas as forças disponiveis em Hespanha convergissem para aquelle ponto. Suchet effectivamente derrotou na batalha de Sagunto o exercito de Blake, tomou essa fortaleza celebre na historia romana, e entrou logo depois na cidade de Valencia, mas os reforços que recebera tinham diminuido o effectivo dos outros exercitos da Peninsula, e Wellington, aproveitando o ensejo, correu, no principio de 1812, a pôr cerco a Ciudad-Rodrigo.

A concentração de varios destacamentos dos exercitos francezes da Peninsula para o lado de Valencia, a retirada de bastantes batalhões, que Napoleão chamava a si para os levar á fatal campanha da Russia, tinham diminuido o effectivo das forças francezas que se achavam demais a mais espalhadas n'um immenso espaço. Começou-se então, por

iniciativa de Marmont, a supprimir a repartição das tropas em corpos de exercito, e conservaram-se simplesmente as divisões. Cinco grandes exercitos ficaram subsistindo: o do marechal Suchet, no Aragão, em Valencia, e na Catalunha occupada por um destacamento especial; o do Norte commandado por Dorsenne, que foi d'ahi a pouco tempo substituido pelo general Caffarelli; o do Centro nos arredores de Madrid, debaixo das ordens especiaes do rei José; o de Portugal, commandado pelo marechal Marmont; o da Andaluzia debaixo das ordens do marechal Soult com as divisões de Drouet d'Erlon na Estremadura hespanhola a fim de vigiar os movimentos do general Hill, proteger Badajoz, e manter-se contra as forças hespanholas de Castaños e de Ballesteros Estes cinco exercitos podiam ainda fazer prodigios, apezar das guerrilhas, da sublevação do povo e de todas as outras difficuldades que os francezes encontravam na Peninsula, porque afinal de contas o unico exercito, que devéras os molestava, era o exercito anglo-portuguez de Wellington, se um commandante unico e intelligente fizesse convergir para o mesmo fim estas forças, que se tornavam inuteis umas ás outras pelas rivalidades dos generaes em chefe. Um momento, Napoleão, percebendo esse inconveniente e partindo para a Russia, concentrou toda a autoridade militar nas mãos de rei José, tutelado pelo marechal Jourdan; mas nem um nem outro tinham prestigio bastante para se fazerem respeitar pelos marcehaes que commandavam os diversos exercitos.

Wellington, como vimos, entrara bruscamente em campanha, e, atacando com impetuosidade Ciudad-Rodrigo, defendida pelo general Barrié, tomava-a de assalto no dia 18 de janeiro, tendo começado o cerco a 8, e distinguindo-se muito n'este assedio terrivel e brilhante, onde morreu o general Crawford, um destacamento portuguez de artilharia, que entrou pela brecha com heroismo notavel. Marmont, que a esse tempo ia occupar o valle do Douro por ordem do imperador, que desejava concentrar mais, nas provincias proximas de França, os seus exercitos, soube com immensa surpresa da tomada de Ciudad-Rodrigo. Suspendeu logo o seu movimento para o norte, receiando que os inglezes quizessem entrar em Hespanha, mas Wellington voltou para os seus acantonamentos. Não tardou porém a entrar de novo em campanha, e com uma rapidez fulminante uniu-se ao general Hill e appareceu de subito diante de Badajoz no dia 16 de março de 1812. Aproveitando com rara sagacidade as circumstancias, Wellington abandonara a sua circumspecção habitual, e arrojava-se aos assaltos temerarios das praças, para não perder tempo e aproveitar a disseminação do inimigo. O cerco de Ciudad-Rodrigo já fôra audacioso, o de Badajoz foi formidavel, porque o general Philippon defendeu admiravelmente a praça. Conquistaram-se, palmo a palmo, as obras exteriores e, quando emfim as brechas foram praticaveis, Wellington ordenou o assalto que não podia deixar de ser sanguinolento. Duas columnas arrojadas á brecha, com-

mandadas pelo general Coleville acharam-se na posição mais critica. Os soldados de Philippon defendiam-se como desesperados, e no fosso explosões terríveis, preparadas pela engenharia franceza, envolviam os assaltantes n'um turbilhão de fogo e de metralha. Os regimentos portuguezes 11, 15 e 23 do infantaria, os batalhões 1 e 8 de caçadores portaram-se com um denodo admiravel; quasi todos os seus officiaes caíram mortos ou feridos na brecha. Ao mesmo tempo a divisão Picton, onde figurava a brigada portugueza Champalimaud (9 e 21) escalava intrepidamente o castello, surprehendia e expulsava os defensores, e estabelecia-se com solidez no forte conquistado. Então a defeza deixou de ser possivel; esta diversão poderosa fôra um acto decisivo; d'ahi a pouco Philippon rendia-se com os seus soldados, tendo com a sua bravura immortalizado a resistencia da praça, que lhe fôra confiada.

E o que faziam entretanto os francezes? Drouet não tinha força para se oppôr a Wellington. Soult estava retido na Andaluzia pela insurreição hespanhola. Marmont invadia a Beira para ver se com essa ameaça obrigava Wellington a voltar ao norte. Mas as milicias portuguezas bastaram para resistir recuando lentamente diante de Marmont, que enviou até Castello-Branco partidas de cavallaria, e Wellington, depois da tomada de Badojoz, voltando rapidamente ao norte, fez com que Marmont, ao saber da sua marcha, abandonasse Portugal.

Era claro que Wellington não tomara as duas portas da Hespanha, Ciudad-Rodrigo e Badajoz,

para permanecer inactivo. Effectivamente, deixando de novo no Alemtejo o general Hill, a quem mandou tomar no dia 18 de maio uma ponte fortificada, estabelecida por Marmont em Almaraz sobre o Tejo, a fim de cortar as communicações entre os exercitos francezes, voltou á Beira, e pronunciou o seu movimento para o norte. As divisões dos inimigos foram-lhes agora mais fataes, porque cada marechal se julgava ameaçado Soult teimava que Wellington ia invadir a Andaluzia, e d'esta forma não se concentravam forças no ponto que ia ser verdadeiramente o objectivo do general inglez.

Este entrou na provincia de Salamanca á frente de um exercito de cincoenta mil homens, contando, além dos anglo-portuguezes, uma divisão auxiliar hespanhola. No dia 27 de junho fez capitular Salamanca, e Marmont, que até ahi se conservara por traz do Douro, resolveu-se então a tomar a offensiva. Passando o Douro em Tordesillas, diante do inimigo, começou a manobrar para o compellir a entrar em Portugal, ameaçando-lhe as communicações. Wellington, prudente sempre, foi retirando devagar, e parou a pouca distancia de Salamanca, na altura dos Arapiles. Marmont parou tambem, e, receiando, pelo exemplo dos seus antecessores, atacar o inimigo em boas posições, postou os seus soldados n'uma posição excellente, que fez desistir Wellington da idéa de dar batalha. Preparava-se pois para continuar a retirada no dia 22 de julho, quando Marmont imaginou preparar as coisas de forma que lhe podesse destroçar a rectaguarda. A impetuosi-

dade das tropas parece que precipitou o movimento, e é certo que Wellington, em vez de retirar, accitou a batalha. O centro onde estava na divisão Cole a brigada portugueza Harvey (11 e 23) repelliu energicamente duas divisões francezas que tinham imprudentemente avançado; a direita, onde havia a brigada portugueza Bradford, repelliu as divisões Thomières e Brenier que depois a cavallaria alliada, em que entravam os nossos regimentos 1 e 11, destroçou completamente. Na esquerda a brigada portugueza Pack investia o monte Arapile, e, á custa de perdas enormes, occupava a altura em que estava postada a divisão Bonnet. A não ser em Albuera, nunca fôra nas guerras peninsulares tão encarniçado o combate. Pelejava-se quasi braço a braço, e os generaes caíam feridos como os simples soldados. Marmont recebia logo ao principio do combate um ferimento grave, Bonnet, que lhe succedeu no commando, foi egualmente derrubado, Clausel que se seguiu aos dois recebeu uma ferida mais ligeira que o não impediu de dirigir a batalha. Da nossa parte Beresford, Cole, Leith, Cotton foram tambem feridos. Foi em Salamanca que morreu o general Thomières tão tristemente celebre entre nós pelas atrocidades da Nazareth. O exercito francez estava em plena retirada, e a sua derrota collocava em deploravel situação todos os exercitos inimigos; ficava descoberto Madrid, ameaçada a retirada do exercito de Soult. Foi então que se resolveram os francezes a fazer o que deviam ter feito ha mais tempo, a concentrar as suas forças espalhadas.

O rei José, com o exercito do centro abandonou Madrid, Sault, com as forças da Andaluzia, deixou esta provincia, levantando emfim o cerco de Cadiz, e ambos foram a Valencia unir-se com o marechal Suchet, o mais feliz de todos os generaes francezes na Hespanha, que nunca tivera um revez, e que, administrando com habilidade as provincias que governava, vivia na abundancia, e nem tinha que subjugar insurreições, porque a população mostrava-se satisfeita com o seu dominio.

Wellington commettera um erro capital, tão raro, como as acções brilhantes, na carreira d'esse general correcto, prudente, que substituiu o genio que não tinha por um supremo bom senso, que muitas vezes vale mais que o genio, como Waterloo veio provar. Em vez de perseguir portanto o exercito de Portugal e acabar de o destruir, não se eximiu ao jubilo de entrar triumphalmente em Madrid, d'onde tornou a sair pouco depois para continuar a perseguição do inimigo. As tropas de Hill tinham vindo unir-se-lhe, desde que desaparecera da Estremadura hespanhola o corpo de Drouet d'Erlon, chamado por Sault que concentrava as suas forças para retirar. Foi Hill que ficou em Madrid, enquanto Wellington fazia recuar até ao Ebro o general Clausel que succedera a Marmont. Um castello insignificante, o de Burgos, demorou diante das suas muralhas por trinta dias o general inglez. Defendeu-o heroicamente o general Dubreton; Wellington, obstinando-se nos assaltos, sacrificou debalde os seus valentes soldados, sendo

os portuguezes os que padeceram mais, por isso mesmo que mais longe os arrojava a sua impetuosidade meridional. Wellington dera o primeiro assalto [no dia 19 de setembro o ultimo a 19 de outubro, e levantou enfim o cerco, ao saber que os exercitos da Andaluzia e do Centro unidos saiam de Valencia e marchavam sobre o Tejo. Ao mesmo tempo o exercito de Portugal, rapidamente reconstituído por Clausel, retomava a offensiva, apoiado pelo exercito do Norte do commando de Caffarelli. Wellington, vendo-se a ponto de ser completamente envolvido, retirou para traz do Douro, ordenando a Hill que se lhe fosse unir a Salamanca. Mas os exercitos da Andaluzia e do Centro, depois de terem reoccupado Madrid, juntavam-se ao exercito de Portugal, e appareciam em Salamanca tambem com uma imponente massa de tropas. Wellington, muito inferior em numero, correu alli o mais serio perigo da sua vida de general; as hesitações dos francezes, já pouco habituados em Hespanha aos sorrisos da fortuna, salvaram-n'o. Escorregando-lhes por entre as mãos no dia 14 de novembro, Wellington chegou enfim a Ciudad-Rodrigo, e cobriu-se depois com o rio Agueda, tendo perdido apenas uns dois mil prizioneiros, mas tendo escapado por um verdadeiro milagre ao naufragio da sua esplendida fortuna.

Esta campanha de 1812, começada pelo exercito anglo-portuguez com tão felizes auspicios, acabava de um modo altamente desfavoravel. Wellington ganhara a batalha de Salamanca, entrara em Ma-

drid, mas este profundo golpe dado aos francezes em Hespanha levara-os enfim a concentrar as suas forças, o que podia ser fatal aos alliados, que até ahí tinham lucrado sempre muito com a disseminação dos adversarios; a retirada desastrosa de Burgos ao Agueda fôra o primeiro resultado da união do inimigo. Grandes acontecimentos europeus vieram porém mudar a face dos negocios de Hespanha. A fortuna de Napoleão desabara de um modo espantoso na fatal expedição da Russia; a Allemanha sublevara-se contra elle. Para defender as fronteiras dos seus vastos dominios teve o imperador de concentrar todos os seus recursos militares, e foi obrigado por isso a diminuir o effectivo do seu exercito de Hespanha. Ao mesmo tempo a junta de Cadiz nomeava Wellington generalissimo das suas tropas e juntava aos soldados anglo-lusos o exercito da Galliza; e os generaes francezes, emquanto Wellington preparava para a campanha de 1813 um forte corpo de tropas inglezas, portuguezas e hespanholas, disseminavam-se de novo para combater guerrilhas. Soult partira de Hespanha; e, não falando em Suchet, que continuava a occupar tranquillamente as provincias orientaes, os quatro exercitos em campanha contra Wellington eram agora commandados: o do Norte por Clausel, o de Portugal pelo general Reille, o do Centro por Drouet, o da Andaluza pelo general Gazan. O rei José, ou antes o seu major-general Jourdan, exercia o commando supremo.

Mas Clausel, com o seu exercito e a maior parte

das divisões do de Portugal, perseguia as guerrilhas muito ao norte, de fôrma que Wellington, entrando de subito em campanha, encontrou outra vez o inimigo disseminado. Abandonando Madrid, e depois Valladolid, José foi recuando, a fim de ir aggregando a si as tropas, tão imprudentemente affastadas, de Clausel, a quem chamava agora com repetidas instancias. Algumas se lhe uniram, mas Wellington continuou a impellir os francezes, procurando sempre torneal-os pela esquerda. O rei José déra a Clausel Victoria como ponto de reunião, porém Wellington seguia-o tão de perto que esteve quasi logrando fazer chegar a sua esquerda a essa cidade antes dos francezes. Um reconhecimento do general Reille salvou-os de tal desastre, mas foi-lhes forçoso dar batalha no dia 21 de junho de 1813 sem ainda se lhes ter unido o general Clausel. Wellington atacou por tres columnas: a da direita commandada pelo general Hill, a do centro por Beresford, a da esquerda por Graham. Hill postou-se bem e repelliu todos os assaltos do general Gazan, que se retirou para um lado, enquanto Beresford, avançando debaixo de uma verdadeira tempestade de fogo, porque o general da artilharia franceza organisara contra as suas divisões uma formidavel bateria de 45 peças, repellia para outro lado Drouet d'Erlon; pela abertura, resultante d'esta retirada divergente, engolphou-se a cavallaria ingleza, que foi aprizionar em Victoria um immenso comboyo que partia para França debaixo da protecção do exercito. As tropas de Gazan e Erlon, vendo-se cortadas pela

cavallaria, debandaram; quem sustentou a retirada foi o pequeno exercito de Reille, que fôra atacado pela esquerda ingleza depois dos outros, e que portanto estava ainda solido quando se deu ordem de retirar.

A maior parte dos regimentos portuguezes figuravam nas columnas de Beresford; tiveram perdas graves, mas portaram-se com tal bravura que Beresford, entusiasmado, para os regimentos 9, 11, 21, 23, caçadores 7 e 11, pediu ao regente um distinctivo de honra especial, e elogiou largamente os regimentos 1, 3, 15, 16, caçadores 4 e 8. A victoria fôra esplendida; o rei José, cortado de Clausel, que por milagre escapou a tempo a um desastre semelhante, perdeu 200 peças, bagagens, munições, e até o carro especial dos seus papeis. O effeito moral foi immenso; a colligação européa estava já desanimada com os successos de Napoleão na Allemanha, a batalha de Victoria restabeleceu o equilibrio. O imperador furioso tirou ao rei José o commando, começou a pensar em tirar-lhe a corôa e a negociar com Fernando VII, e entregou esse exercito, composto das reliquias de quatro exercitos, ao marechal Soult, encarregado não já de conservar a Hespanha, mas de salvar a França de uma invasão pelos Pyreneus.

O novo general em chefe encontrou os soldados já por traz do Bidassoa, pequeno rio que separa a França da Hespanha. Ficara uma guarnição em Pamplona, e outra em S. Sebastião, praças cujo cerco logo o exercito alliadoprehendera. Soult retomou a offensiva para socorrer Pamplona, pre-

cisando para isso de forçar os desfiladeiros dos Pyreneus. Começou o seu ataque no dia 25 de julho, e o exercito alliado recuou lentamente diante d'elle, até que, tendo reunido todas as suas forças, pôde obrigar a seu turno os francezes a retirarem no dia 31. Um dos desfiladeiros mais importantes e atacados com mais vigor era o das Mayas, occupado pelo general Hill com a divisão Stewart e a divisão chamada portugueza, porque se compunha exclusivamente de brigadas nossas, que fôra commandada pelo general Hamilton, e que estava agora debaixo das ordens do general Silveira, já conde de Amarante. Cobriram-se de gloria as nossas tropas n'esses combates dos Pyreneus, principalmente nos de 28 e 30.

Entretanto continuava o cerco de S. Sebastião debaixo da direcção do general inglez sir Thomaz Graham, em cujas tropas militavam fortes destacamentos portuguezes. A guarnição defendia-se heroicamente; no dia 25 de julho repelliu um assalto com tal energia que Graham transformou o cerco em bloqueio. No dia 31 de agosto, estando as coisas melhor preparadas, deu-se novo assalto. Foi intrepida a defeza, maravilhoso a ataque; os francezes improvisavam fortificações por traz das brechas, faziam jogar as minas, nada demorava o impeto, dos alliados. Os regimentos portuguezes 3, 15, caçadores 5 e 8 cobriram-se de gloria. Um batalhão portuguez passou a váo um rio debaixo de uma chuva de balas com um sangue-frio que enthusiasinou os inglezes. A guarnição, expulsa emfim da

cidade, depois de um assalto mais terrível talvez do que o de Badajoz, retirou-se para o castello, onde se manteve ainda por algum tempo, rendendo-se, depois de um bombardeamento de duas horas, no dia 9 de setembro. Pamplona, que fôra apenas bloqueada, entregou-se quando se lhe acabaram os viveres.

O exército francez procurára também soccorrer S. Sebastião, mas fôra repellido pelas divisões que cobriam o cerco. Senhor d'esta importante praça, Wellington não hesitou mais, e no dia 7 de outubro atravessou a Bidassoa, repellindo as tropas inimigas que defendiam a fronteira, e entrou em França, quando ainda Napoleão se mantinha no coração da Allemanha. Foram portanto as tropas inglezas e as peninsulares as que tiveram a honra de ser as primeiras a pisar triumphalmente o solo d'esse imperio, cujos soldados tinham profanado todas as capitães da Europa. Mereciam essa honra as trez nações que mais energicamente haviam resistido á ambição napoleonica.

A campanha de Soult no meio-dia da França é, apesar dos seus desastres, uma das mais brilhantes da sua carreira. Napoleão, vencido em Leipsick, pedia-lhe a cada instante reforços, substituiu-lhe os veteranos por soldados novos, e Soult, apesar d'isso, recuando passo a passo, vencido em batalhas successivas, mas perseverante sempre, consegue paralyzar os movimentos do exército alliado, de forma que se Wellington entrara em França uns poucos de mezes antes das tropas do norte, já estas tinham

occupado Paris, já Napoleão abdicara, e ainda o general inglez estava em Tolosa, ganhando sobre os francezes uma batalha pouco decisiva!

Repellido do Bidassoa, Soult foi abandonando a um e um, e depois de sangrentas batalhas, os outros rios que banham o sudoeste da França. O primeiro que defendeu foi o Nivelle. A 10 de novembro atacou-o Wellington na sua posição, procurando forçar-lhe o centro e a esquerda para o obrigar a abandonar Bayona, ameaçando-lhe as communicações. No ataque do centro distinguiu-se muito a *divisão portugueza*, no da esquerda a 7.<sup>a</sup> divisão anglo-portugueza, commandada n'esse dia pelo nosso compatriota o general Lecor. Perderam os inimigos cincoenta peças, mil e quinhentos prisioneiros, mas não abandonaram Bayona, e fortificaram-se por traz do rio Nive. Alli foram de novo atacados nos dias 9, 10, 11, 12, e 13 de dezembro. A 9 os inglezes passaram o rio sem encontrar grande resistencia, mas a 10 Soult atacou a esquerda com tal vigor que a fez recuar precipitadamente, e a retirada principiava a transformar-se quasi em fuga quando um batalhão portuguez caiu, com temeraria bravura, sobre a retaguarda do inimigo; logo os inglezes o auxiliam, e a columna victoriosa é obrigada a retrogradar. Tres dias durou ainda a luta obstinada, e afinal Soult, cedendo a posição, passou a cobrir-se com o Adour. Sustentou-se alli até ao dia 24. de fevereiro de 1814, em que, depois de alguns combates infelizes da sua esquerda em Saint-Palais, Gave de Mauléon, e Gave d'Oleron, acham-

do-se de novo ameaçado nas suas communicações, abandonou Bayona ás suas proprias forças, e foi postar-se, coberto com o rio Pau, em Orthez. Bati-do no dia 25 de fevereiro na batalha d'esse nome, ainda no dia 26 fez frente ao inimigo, com duas divisões collocadas na altura d'Aire. Assaltou-a a brigada portugueza do general Hypolito da Costa, conhecida pelo nome de brigada do Algarve, e tão deñodado foi o ataque e tão intrepida a defeza que os portuguezes desalojaram o inimigo, mas ficaram tão desordenados pela resistencia que encontraram, que foi necessario que viesse uma brigada da divisão Stewart não soccorrel-os, completar-lhes a victoria. Soult retirou enfim sobre Bordeus, mas, resolvido a não deixar um instante de tregua ao inimigo, apenas reorganizou o seu exercito, fez um movimento sobre a direita de Wellington, para lhe ameaçar as communicações, e procurar ao mesmo tempo dar a mão ao marechal Suchet, que fôra obrigado a seguir a retirada dos outros exercitos francezes, mas que, feliz até ao fim n'essa terra de Hespanha tão fatal aos seus collegas, não entrara na fronteira franceza senão depois de ter destroçado n'uns poucos de recontros os hespanhoes, e de ter obrigado duas vezes a embarcar, sempre batido, um exercito composto de inglezes e sicilianos, commandado primeiro pelo general Murray e depois por lord Bentinck.

Mas o movimento de Soult não assustou Wellington que sabia Suchet ainda longe, e que já tinha bastante confiança na sua superioridade nume-

rica e moral, e descobriu Bordeus. Logo uma força anglo-portugueza, commandada por Beresford, foi occupar esta cidade, cujos habitantes, fatigados da guerra e muitos d'elles legitimistas, a acolheram de braços abertos, e proclamaram a realza dos Bourbons. Entretanto Soult, esperando chamar Wellington a si, marchou sobre Tolosa. Foi n'esta cidade que se travou a ultima batalha d'esta prolongada guerra. Wellington, sem abandonar Bordeus, seguiu o marechal francez com o grosso das tropas, e no dia 10 de abril atacou os entrincheiramentos da cidade, defendidos com valor, mas que o exercito alliado tomou enfim, com graves perdas que os escriptores inglezes avaliam em sete mil e quinhentos homens. Durante a batalha as divisões hespanholas foram destroçadas pelos francezes; salvou-as a divisão ligeira anglo-portugueza do barão Alten, ultimo acto de bravura d'esse magnifico exercito, em que entravam em proporção equal os inglezes e os portuguezes, e que foi o inabalavel baluarte onde se quebraram durante seis annos todos os esforços de Napoleão, e que salvou a Hespanha do supremo desastre, porque as suas guerrilhas intrepidadas não bastavam de certo para impedir a conquista.

Soult retirou ainda imponentemente na direcção de Carcassona para se unir ao marechal Suchet, e apresentar de novo batalha aos invasores, quando os correios de Paris trouxeram a noticia da abdicção do imperador, da conclusão da guerra e da restauração dos Bourbons. O ultimo acto de hosti-

lidade foi n'esta campanha uma sortida feliz, em que a guarnição franceza de Bayona surprehendeu os inglezes, e aprizionou o tenente-general sir John Hope. Logo depois assignou-se a paz, embarcaram os inglezes, e atravessaram os Pyreneus para voltar á sua patria os portuguezes e os hespanhoes. Foram recebidos com enthusiasmo os nossos soldados pelos seus compatriotas; as brigadas que mais se tinham distinguido, a brigada do Algarve (2 e 14) a do 9 e 21, a do 11 e 23 e outras ainda eram applaudidas com frenetico delirio.

O sangue dos nossos soldados, derramado heroicamente para regar os virentes loiros de lord Wellington, não modificou as velhas disposições da diplomacia ingleza a nosso respeito. Abandonados por ella no congresso de Vienna, não obtinhamos na paz geral as vantagens a que nos dava direito o nosso papel na guerra; sacrificados á Hespanha, que, apezar do seu valor, quasi que só contava derrotas nos fastos da grande luta, nem conseguíamos que se nos desse Olivença, cuja restituição era para a Hespanha um dever de consciencia.

Terminara a luta sublime em que o povo portuguez dera provas de tão rara bravura e de tão heroica abnegação; o nosso paiz estava de novo independente, mas estava tambem arruinado. As contribuições esmagadoras, as devastações dos exercitos tinham espalhado a miseria por todo o reino. O povo, irritado com os seus padecimentos, cons-

cio do seu valor, queria levar as suas queixas aos pés do throno, e, em vez do soberano a quem votava ainda um affecto tradicional, e que se deixava estar indolentemente nas terras americanas, encontrava uns proconsules sem espirito patriotico, apoiados nas espadas dos officiaes inglezes que permaneciam nas fileiras do nosso exercito, e fieis executores das vontades de Beresford, nomeado marquez de Campo-Maior; regimen que afinal de contas não differia de um modo sensivel do governo de Junôt. Em vez de sermos escravos da França, eramol-o da Inglaterra. Este paiz prestara-nos relevantes serviços, não os recebera menores do povo portuguez. Dera-nos officiaes, nós demos-lhe soldados; estavamos quites.

A Hespanha insurgida reunira côrtes, que tinham redigido a constituição democratica de 1812; havia em Portugal, salvo pela democracia, os mesmos anseios de liberdade. O nosso governo, imitando o de Fernando VII, só pensava em comprimil-os. O principe regente, no seu delicioso retiro do Rio de Janeiro, nem queria ouvir falar em côrtes geraes. O povo serve para morrer e para restituir a corôa a quem a deixa cair covardemente da cabeça. Um agradecimento do principe, e uns versos de Camões bordados nas bandeiras dos regimentos, em que os filhos do povo se alistaram para ir morrer pela patria, eram para tão gloriosas façanhas sufficiente recompensa!

Não é bom comtudo abusar da paciencia de quem já conhece as suas forças; o povo ergueu-se de so-

br'olho franzido e com a mão no gatilho das espingardas de Olhão e de Mezão-Frio. Bastou que o leão fizesse ouvir o primeiro rugido para que Beresford dêsse por findo o seu proconsulado, para que o rei voltasse do Rio de Janeiro e acceitasse todo tremulo a constituição liberal. O movimento de 24 de agosto de 1820 era a consequencia logica da revolução de 6 de junho de 1808. Até rebentava na mesma cidade — o Porto. O genio a que os portuguezes em 1820 erigiam altares era o mesmo, que os despertara do lethargo aviltante, que lhes dera força, energia e audacia para a temeraria revolução de 1808 — o genio austero e viril da santa Liberdade.

FIM.